

FUNDAÇÃO PEDRO LEOPOLDO
Mestrado Profissional em Administração

Jacyara Aline Moreira Santos

**Consciência financeira dos alunos dos cursos de graduação em Administração
e Ciências Contábeis da FACEMBH**

**Pedro Leopoldo
2018**

Jacyara Aline Moreira Santos

**Consciência financeira dos alunos dos cursos de graduação em Administração
e Ciências Contábeis da FACEMBH**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Administração da Fundação Pedro Leopoldo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Área de concentração: Gestão em Organizações.

Linha de pesquisa: Finanças Corporativas.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Ramalho.

**Pedro Leopoldo
Fundação Pedro Leopoldo
2018**

658.1511 SANTOS, Jacyara Aline Moreira

S231c Consciência financeira dos alunos dos cursos de
graduação em Administração e Ciências Contábeis
da FACEMBH / Jacyara Aline Moreira Santos.
- Pedro Leopoldo: FPL, 2018.

85 p.

Dissertação: Mestrado Profissional em Administração,
Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Wanderley Ramalho

1. Consciência Financeira. 2. Comportamento Financeiro. 3. Planejamento Financeiro. 4. Conhecimento Financeiro. 5. Independência Financeira.
I. Título. II .RAMALHO, Wanderley, orient.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Ficha catalográfica elaborada por Maria Luiza Diniz Ferreira CRB 6 -1590

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título da Dissertação: “Consciência financeira dos alunos dos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis da FACEM - BH”.

Nome da Aluna: **JACYARA ALINE MOREIRA SANTOS**

Dissertação de mestrado, modalidade Profissionalizante, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade Pedro Leopoldo, aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Wanderley Ramalho - Orientador - FPL Educacional.

Prof. Dr. José Antônio de Sousa Neto - FPL Educacional.

Prof. Dr. Luiz Antônio Antunes Teixeira - FUMEC.

Pedro Leopoldo (MG), 06 de agosto de 2018.

Aos meus pais.

Agradecimentos

A conclusão do Mestrado foi um longo caminho percorrido, não foi fácil chegar até aqui, tampouco tranquilo. “A sola do pé conhece toda a sujeira da estrada” (provérbio africano).

Agradeço a Deus por me guiar, iluminar e me dar tranquilidade para seguir em frente com os meus objetivos e não desanimar com as dificuldades. Agradeço a Ele também por manter os que eu preciso ao meu lado.

Ao meu querido Prof. Dr. Wanderley Ramalho, meu orientador e exemplo profissional, por não ter permitido que eu interrompesse o processo e pela confiança. Quando “crescer”, eu quero ser como você, só se ajuda o próximo que tem boa vontade de estender a mão. Sou eternamente grata ao senhor.

Agradeço a todos os colegas do mestrado, que vivenciaram momentos de estudo, de escrita de artigo, até a tensão da defesa no decorrer desta jornada. Em especial cito, representando toda a minha formação Joselton Pires e José Pires, meus amigos professores com que a vida me presenteou. Com eles aprendi o verdadeiro valor das palavras na educação, o espírito de ser professor. À Michela, por ser minha amiga nesta caminhada, companhia que fez toda a diferença.

As meus pais, que renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento. Meus Mestres são vocês! E o meu título dedico a vocês, minha mãe, com esse amor incondicional sempre foi minha melhor companhia, o meu pai, eu não saberia descrever o que senhor representa na minha vida, o incentivo, a sua luta para me dar sempre o melhor estudo e o melhor emprego, eu nunca vou poder retribuir, meu exemplo profissional é o senhor. Nunca vou me esquecer do que sempre me diz: “o conhecimento, Jacyara, ninguém te tira”.

Aos meus irmãos, que amo incondicionalmente e que sempre estão presentes dentro de mim em tudo que faço. Uma chama que ninguém vai apagar é a nossa, chamada irmandade.

A minha irmã Jaqueline Vilela, que é a pessoa que mais acreditou que eu poderia ir além e sempre aconselhou: basta você querer. Sua amizade é um orgulho para mim, não saberia descrever. A distância não nos separa. Seu coração está comigo e o meu com você. Amo-te, Menina!

A minha prima-irmã Renata, que sempre esteve comigo em todos os momentos e juntas vamos seguir, porque tem coisas que são pra vida. Gratidão resume tudo.

A Ediene, minha parceira, que sempre se prontificou a me ajudar, inclusive nas tarefas mais difíceis.

As minhas meninas “cãopanheiras” (Patty; Khyara; Mel; Maju e Manu – PKM3), que fingiram plateia pra me ver ensaiar, eu não sei o que seria de mim sem esses olhos de amor...

Com vocês divido a alegria desta experiência.

Resumo

Esta dissertação teve por objetivo geral desenvolver um modelo para analisar o nível de conhecimento sobre finanças pessoais alcançado pelos alunos de graduação em Administração e Ciências Contábeis da Faculdade do Centro Educacional Mineiro(FACEMBH). O desenvolvimento do modelo utilizado no estudo exigiu um adentramento nos principais aspectos de finanças pessoais, explorados pela literatura concernente ao tema e resultou em quatro dimensões e 13 indicadores. A partir desse modelo elaborou-se um questionário para o desenvolvimento de um *survey* com 300 alunos da FACEMBH. Um tratamento estatístico dos dados permitiu analisar, por meio do coeficiente alfa de Cronbach, a fidedignidade da escala. Mediante o teste não paramétrico de Friedman, concluiu-se que as dimensões foram igualmente importantes para caracterizar a consciência financeira dos alunos, enquanto o planejamento financeiro impactava menos. O estudo permitiu concluir, ainda, haver diferenças significativas de consciência financeira entre alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábil, apenas para dimensões conhecimento financeiro e planejamento financeiro. Em síntese, o estudo permitiu melhor entendimento da dinâmica que caracteriza a consciência financeira do universo dos alunos estudados.

Palavras-chave: Consciência Financeira; Comportamento Financeiro; Planejamento Financeiro; Conhecimento Financeiro; Independência Financeira.

Abstract

The purpose of this dissertation was to develop a model to analyze the level of knowledge about personal finance achieved by undergraduate students in Administration and Accounting Sciences of the Faculty of the Educational Center of Minas Gerais (FACEMBH). The development of the model used in the study required an understanding of the main aspects of personal finance, explored in the literature concerning the subject and resulted in four dimensions and thirteen indicators. From this model, a questionnaire was developed for the development of a survey with 300 FACEMBH students. A statistical treatment of the data allowed to analyze, through the Cronbach Alpha Coefficient, the reliability of the scale. Through Friedman's non-parametric test, it was concluded that dimensions were equally important to characterize students' financial awareness while financial planning impacted less. The study also allowed us to conclude that there are significant differences in financial awareness among students in the courses of Administration and Accounting Sciences, only for financial knowledge and financial planning. In summary, the study allowed a better understanding of the dynamics that characterize the financial awareness of the universe of students studied.

Keywords: Financial Consciousness; Financial Behavior; Financial planning; Financial Knowledge; Financial Independence.

Lista de Figuras

Figura 1 - Ciclo de vida de uma pessoa.....	21
Figura 2 - Composição das dívidas bancárias das famílias.....	29
Figura 3 - Endividamento e comprometimento de renda.....	30
Figura 4 - Planilha de gastos mensais.....	37
Figura 5 - Modelo de análise da educação financeira.....	56
Figura 6 - Modelo de análise da educação financeira.....	64
Figura 7 - Distribuição da amostra segundo o curso de pesquisados.....	66

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Modelo de análise da pesquisa: construtos.....	50
Tabela 2 - Distribuição da amostra segundo a faixa etária dos pesquisados	66
Tabela 3 - Dimensões iniciais da pesquisa para discentes.....	68
Tabela 4 - Caracterização dos discentes segundo os quatro construtos sobre a percepção na educação financeira.....	70
Tabela 5 - Caracterização dos discentes segundo os indicadores de comportamento financeiro.....	70
Tabela 6 - Caracterização dos docentes segundo os indicadores de planejamento financeiro.....	70
Tabela 7 - Caracterização dos docentes segundo os indicadores de independência financeira.....	71
Tabela 8 - Caracterização dos discentes segundo os indicadores de conhecimento financeiro.....	71
Tabela 9 - Avaliação dos escores referentes aos construtos sobre a percepção de educação financeira por curso.....	72
Tabela 10 - Avaliação dos escores referentes aos indicadores sobre a percepção de educação financeira por curso.....	73

Lista de Abreviaturas e Siglas

A	Ação
ACSP	Associação Comercial de São Paulo
AEF-Brasil	Associação de Educação Financeira do Brasil
ANBIMA	Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
BACEN	Banco Central
BMF&BOVESPA	Bolsa de Mercadorias e Futuros & Bolsa de Valores de São Paulo
CNSEG	Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e Vida, Saúde Suplementar e Capitalização
CONEF	Comitê Nacional de Educação Financeira
DP	Desvio-padrão
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ENEF	Estratégia Nacional de Educação Financeira
FACEMBH	Faculdade de Centro Educacional Mineiro de Belo Horizonte
FEBRABAN	Federação Brasileira de Bancos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INSS	Instituto Nacional da Seguridade Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico
P	Pensamento
PnuD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PEF	Programa de Educação Financeira
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
Pr	Programação
R	Resultado
S	Sentimento
SERASA	Centralização de Serviços dos Bancos
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito

SPSS *Statistical Package for Social Science*
SUS Sistema Único de Saúde

Sumário¹

1 Introdução.....	14
1.1 Contextualização.....	15
1.2 Relevância e problematização.....	17
1.3 Objetivos.....	18
1.3.1 Objetivo geral.....	18
1.3.2 Objetivos específicos.....	18
1.4 Estrutura do trabalho.....	19
2 Referencial Teórico.....	20
2.1 Educação financeira.....	20
2.1.1 Educação financeira no Brasil.....	25
2.1.2 Consumismo.....	26
2.1.3 Psicanálise e educação financeira.....	27
2.1.4 Endividamento.....	29
2.1.5 Inadimplência.....	32
2.2 Planejamento financeiro.....	33
2.2.1 Planejamento financeiro pessoal.....	34
2.2.2 Elaboração do planejamento financeiro.....	35
2.2.3 Modelo de dinheiro.....	37
2.2.4 Educação financeira como tema transversal.....	38
2.2.5 Estratégia Nacional De Educação Financeira (ENEF).....	40
2.2.6 Orçamento familiar.....	41
2.2.7 Importância de poupar.....	42
2.2.8 A importância para a tomada de decisão.....	44
2.2.9 O ensino sobre finanças pessoais.....	47
2.2.10 A formação para a vida financeira no ensino.....	48
2.2.11 A formação para a vida financeira no ensino superior.....	50
2.2.12 Finanças pessoais e formação de poupança.....	52

¹Este trabalho foi revisado de acordo com as novas regras ortográficas aprovadas pelo Acordo Ortográfico assinado entre os países que integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), em vigor no Brasil desde 2009. E foi formatado de acordo com as Instruções para Formatação de Trabalhos Acadêmicos – Norma APA, 2016.

2.2.13 Orçamento financeiro: relação receita x despesas.....	53
2.3 Modelo teórico-conceitual.....	54
3 Metodologia.....	57
3.1 Caracterização da pesquisa.....	57
3.2 Unidade de análise.....	57
3.3 Unidade de observação.....	58
3.4 Procedimentos de coleta de dados.....	58
3.4.1 Elaboração do questionário.....	58
3.4.2 Percepção sobre comportamento financeiro.....	59
3.4.3 Percepção sobre conhecimento financeiro.....	60
3.4.4 Percepção sobre planejamento financeiro.....	60
3.4.5 Percepção sobre independência financeira.....	61
3.4.6 Pré-teste do questionário.....	62
4 Análise dos resultados.....	64
4.1 Tratamento e análise estatística dos dados.....	65
4.1.1 Perfil da amostra utilizada.....	65
4.1.2 Análise de consistência da escala utilizada.....	67
4.1.3 Análise da importância dos indicadores referentes às dimensões da educação financeira.....	68
4.1.4 Comparação entre os cursos em relação às dimensões que caracterizam uma educação financeira.....	71
5 Considerações Finais.....	75
Referências.....	77
Apêndice.....	83

1 Introdução

A primeira finalidade da educação básica, conforme parte do artigo 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)/96, é assegurar ao educando “a formação comum indispensável para o exercício da cidadania”.

Ainda:

À medida que vamos integrando ao que se denomina uma sociedade da informação crescentemente globalizada, é importante que a educação se volte para o desenvolvimento das capacidades de comunicação, de resolver problemas, de tomar decisões, de fazer inferências, de criar, de aperfeiçoar conhecimentos e valores, de trabalhar cooperativamente (Brasil, 1999, p. 251).

O artigo 32 da LDB deixa bastante explícito que o ensino, de modo geral, deve permitir a formação da atitude e valores para a vida social de quem recebe a educação. Evidentemente, tal assertiva deve ser praticamente verdadeira para o ensino de educação financeira.

De acordo com D'Aquino (2008a), a função primordial da educação financeira é criar as bases para que as pessoas “possam ter uma relação saudável, equilibrada e responsável em relação a dinheiro”. O sujeito deve conhecer suas prioridades para melhor trabalhar com suas finanças.

Kiyosaki e Lechter (2000) afirmam que é essencial saber ler o que os números estão dizendo e entender a história que está sendo contada por eles, estruturando os conceitos de contabilidade. Nesse sentido, saber distinguir um ativo de um passivo e saber que os ricos adquirem ativos e os pobres e a classe média, passivos. O autor afirma que “um ativo é algo que põe dinheiro no bolso e um passivo é algo que tira dinheiro do bolso” (Kiyosaki & Lechter, 2000, p.73).

Contabilidade é o que chamo de alfabetização financeira. Uma habilidade vital se você quer construir um império. Quanto mais dinheiro estiver sob sua responsabilidade, mais acuidade é exigida ou a casa desmorona. A alfabetização financeira é a capacidade de ler e entender demonstrações financeiras. Isso lhe permite identificar os pontos fortes e fracos de qualquer negócio (Kiyosaki & Lechter, 2000, p. 125).

Em um século em que o maior desafio global é o realinhamento dos hábitos de consumo, visando preservar a integridade do planeta para as futuras gerações, além de combater o analfabetismo financeiro, a educação financeira se consolida como conhecimento vital, indispensável à formação de uma boa administração financeira. No sistema capitalista no qual estamos inseridos, o dinheiro é um bem necessário para a sobrevivência de qualquer indivíduo. Em um sistema em que o acúmulo das riquezas acontece de forma individual, é necessária a conscientização dos sujeitos para que saibam dosar seus gastos, minimizando, assim, a possibilidade de passar por dificuldades financeiras em alguma parte da vida.

De modo geral, pode-se dizer que dinheiro é uma construção social. Isso significa, entre outras coisas, que seu valor depende da cultura na qual estamos inseridos. Por outro lado, é importante ter-se em conta o fato de que o valor do dinheiro estará sempre condicionado à confiança coletiva que nele se deposita. Kiayosaki e Lechter (2000) destacam, ainda, o fato de que as metáforas concernentes ao dinheiro e utilizadas pela linguagem explicitam a nova visão sobre o tema.

1.1 Contextualização

Para Segundo Filho (2003), a maior dificuldade das pessoas é a preocupação com o seu futuro, em adquirir uma independência financeira para se prevenir dos empecilhos que surgirão ao chegar à chamada “melhor idade”.

Moscovici (1978, p.181) opina:

A representação social é uma forma de conhecimento que articula diferentes elementos, tais como conceitos, explicações, valores, concepções, imagens, crenças, atitudes, que é construído nas interações sociais estabelecidas e que tem como função orientar os comportamentos e a comunicação entre os indivíduos e grupos.

Moscovici (1990, p. 286 como citado em Ferreira, 2008, p.16) corrobora:

De todas as representações criadas pelo homem para tornar seu mundo suportável – ou seja, tangível ou intangível, o dinheiro é a mais arrojada, como também inevitável. Pois é com o enigma do dinheiro que o homem chega mais perto da plenitude do desejo, sendo o desejo do dinheiro o desejo do laço com o outro, talvez mesmo do desejo em geral.

Com o crescimento econômico do Brasil nos últimos anos, a oferta de crédito aumentou. E com isso se observa também o endividamento cada vez maior da população brasileira que, a partir de bens comprados com grandes prazos de financiamentos e em sua maioria com juros abusivos, tem comprometida grande parte da renda mensal. Com isso, pouco ou nada é destinado a uma poupança, o que poderia garantir, além da economia dos juros gerados, a compra de qualquer produto por melhor preço.

No Brasil, em novembro de 2007, foi constituído um grupo de trabalho para desenvolver uma proposição de Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Essa iniciativa pretende trabalhar em ações que promovam a educação financeira no país. A partir de 2010 o projeto foi levado para algumas escolas selecionadas, os professores foram treinados e os alunos receberam material didático. Hoje o ENEF envolve 891 escolas públicas distribuídas entre os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Ceará, Tocantins, Distrito Federal e Minas Gerais. A maioria dos alunos participantes tem idade entre 15 e 18 anos (Vida e Dinheiro, 2011).

A educação financeira tem por propósito auxiliar o sujeito na administração de seus rendimentos, nas suas decisões de poupança e investimento, em consumir de forma consciente e em ajudar ainda a evitar que ele se torne vítimas de fraudes. Essa educação ganha importância com a grande aceleração nos mercados financeiros e de mudanças demográficas, econômicas e políticas (Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico - OCDE, 2005).

A sigla OCDE significa Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. É uma organização internacional, composta por 34 países e com sede em Paris, França. A OCDE tem por objetivo promover políticas que visem ao desenvolvimento econômico e ao bem-estar social de pessoas por todo o mundo. O combate à corrupção e à evasão fiscal faz parte da agenda da OCDE, tendo já conseguido resultados otimistas em alguns países. Em 2011, a OCDE completou 50 anos e está entre as metas de trabalho o apoio aos governantes no sentido de recuperarem a confiança nos mercados e o restabelecimento de políticas saudáveis para um crescimento econômico sustentável no futuro (OCDE, 2005, s.p.).

O dinheiro possui representações múltiplas e fluidas, tanto do ponto de vista interno ou psíquico como quanto do contexto cultural em que se encontra – relaciona-se aos aspectos mais íntimos da cultura e da vida em geral e permeia as relações entre os sujeitos, seus sentimentos e maneiras de pensar. Pode ser entendido como um signo arbitrário que se concebe e se substitui a outros signos sob as mais variadas formas (Ferreira, 2008, p.58).

1.2 Relevância e problematização

Normalmente é esperado que alunos dos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis sejam portadores de uma educação financeira mínima que os capacitam a administrar de modo adequado as suas finanças pessoais. Tal entendimento retrata uma conclusão quase natural que se extrai do exame da grade de disciplinas desses dois cursos. Não obstante, tal conclusão pode ser bastante simplória: assumir uma correlação direta e de grande intensidade entre o conhecimento adquirido pelos alunos desses dois cursos e a capacidade efetiva de administrar as suas vidas financeiras. Nesse sentido, é de grande relevância escrutinar o nível de conhecimento e comportamento financeiro alcançado pelos alunos que frequentam ambos os cursos.

Estudo dessa natureza é, consequentemente, portador de grande relevância, por permitir à Faculdade de Centro Educacional Mineiro (FACEMBH) dimensionar adequadamente as disciplinas concernentes ao tema. Adicionalmente, o estudo poderá subsidiar essa faculdade na decisão de oferecer uma disciplina eletiva referente a tema ou, até mesmo, no exame da oferta de um curso de extensão.

Em relação a qualquer um dos aspectos analisados, pode-se afirmar que o conhecimento proporcionado pelo presente estudo permitirá à FACEMBH melhor dimensionar o seus cursos para melhor preparar os seus alunos tanto para o mercado de trabalho quanto para uma administração mais efetiva da sua vida financeira.

Cumpre destacar que, a despeito da importância desse tipo de formação supostamente disponibilizada por cursos dessa natureza, não se tem qualquer estudo sistematizado que deixe explícito em qual nível os alunos da FACEMBH se encontram quando se examina sua capacidade em administrar as próprias finanças.

Para preencher essa lacuna, o presente estudo visa responder a seguinte pergunta de pesquisa: qual é o nível de conhecimento a respeito da administração das finanças pessoais alcançadas pelos alunos do curso de graduação em Administração e Ciências Contábeis da FACEMBH?

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Analizar o nível de conhecimento sobre finanças pessoais alcançados pelos alunos de graduação em Administração e Ciências Contábeis.

1.3.2 Objetivos específicos

- a) Desenvolver um modelo de análise que permita captar o nível de consciência financeira dos alunos de Faculdade do Centro Educacional Mineiro (FACEMB).
- b) Testar a fidedignidade da escala utilizada no questionário que contempla as dimensões e seus respectivos indicadores.
- c) Identificar a importância das dimensões constitutivas da consciência financeira dos alunos.
- d) Proceder à comparação entre a consciência financeira dos alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da escola estudada.

1.4 Estrutura do trabalho

Este capítulo contempla o arcabouço teórico que dará sustentação à realização da pesquisa. E esta se divide em oito capítulos, assim distribuída: no primeiro capítulo, esta introdução, apresenta a abrangência da educação financeira. Nesse sentido, foi levantada a importância de se conhecer os planejamentos de negócios e finanças para garantir um alicerce para um futuro de sucesso financeiro. Foram elucidados os fatores limitadores ao desenvolvimento da pesquisa e problematizou-se a necessidade de se analisar o nível de conhecimento sobre finanças pessoais alcançados pelos alunos de graduação em Administração e Ciências Contábeis.

Em seguida, informa-se o referencial teórico, contextualizando o tema abordado: educação financeira. E registram-se outras ponderações que constituíram os avanços deste estudo.

Em terceiro lugar, é apresentada a Faculdade do Centro Educacional Mineiro (FACEMBH), sua história e relevância no setor da educação do estado de Minas Gerais, ressaltando seus pilares: educação, responsabilidade e formação profissional.

No quarto capítulo explicitam-se, em detalhes, os pilares da educação financeira, evidenciando as ações desenvolvidas para analisar a percepção dos alunos sobre a educação financeira.

O quinto capítulo examina o arcabouço teórico-conceitual que norteou a pesquisa, baseado na metodologia aplicada.

A sexta parte deste trabalho descreve as diretrizes metodológicas fundamentadas no arcabouço teórico-conceitual segundo o qual o tema foi inicialmente examinado.

A análise quantitativa e qualitativa dos resultados encontra-se capítulo 7.

No oitavo e último capítulo fazem-se as considerações finais, incluindo-se a sugestão para estudos futuros bem como as limitações do estudo.

2 Referencial Teórico

Este capítulo visa explorar o arcabouço teórico do qual foi extraído o modelo conceitual utilizado para o desenvolvimento da pesquisa. Assim, são examinados os principais aspectos que determinaram o comportamento financeiro de uma pessoa. São também escrutinados os conceitos de consumismo, endividamento, inadimplência e planejamento financeiro. Adicionalmente, explicita-se a relação entre psicanálise e educação financeira. Desse conjunto de consideração, extrai-se um modelo constituído por três dimensões e 13 indicadores com os quais se desenvolverá o presente trabalho.

2.1 Educação financeira

A educação financeira procura entender como fatos que ocorrem na economia interna e externa interferem no dia a dia das pessoas para, a partir desse entendimento, balizar a tomada de decisão no que diz respeito a assuntos ligados ao consumo, poupança ou utilização de crédito pessoal. O baixo grau de conhecimento financeiro está diretamente ligado ao endividamento e dificuldades de formação de patrimônio ou reservas financeiras dos indivíduos. Assim, a possibilidade do desenvolvimento de um orçamento equilibrado das finanças pessoais requer, minimamente, a aquisição de noções básicas concernentes ao tema.

A educação financeira vem, cada vez mais, sendo reconhecida como um aspecto importante para a promoção de qualidade de vida das pessoas. De fato, paulatinamente o bem-estar de qualquer pessoa é reconhecidamente impactado, de modo significativo, por sua tomada de decisão quanto às questões de finanças pessoais. Cumpre, nesse sentido, ter – se em conta a observação de Ferreira (2008) que chama a atenção para a importância da psicologia econômica a qual, diferentemente do que faz a economia, coloca ênfase nas anomalias ao procurar entender o comportamento financeiro das pessoas.

A educação financeira, segundo Hill (2009), pode ser definida como a habilidade que os indivíduos manifestam de fazer escolhas adequadas para controlar suas finanças pessoais durante seu ciclo de vida. A Figura 1 mostra o ciclo de vida de uma pessoa

relacionado ao aspecto financeiro e explicita o fato de que o maior consumo ocorre está na faixa etária entre 20 e 65 anos, tendo seu pico por volta dos 42 anos.

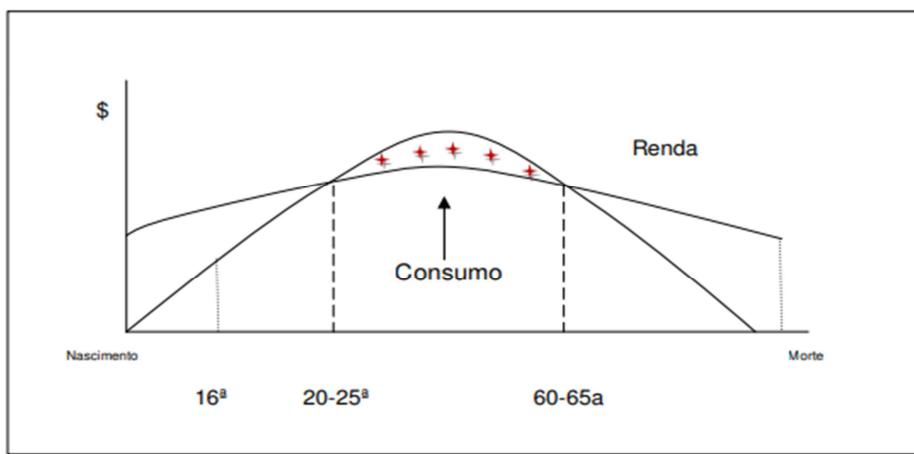


Figura 1

Ciclo de vida de uma pessoa.

Fonte: Fonte: Clark, R. L. (2004). *The economics of an aging society*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers.

A ausência de conhecimentos básicos concernentes às questões financeiras impossibilita um planejamento adequado dos gastos, ou seja, impede a tomada de decisões corretas a respeito do dilema consumo *versus* renda. Nesse sentido, cabe ter-se sempre em mente a assertiva de Clark (2004), segundo o qual o melhor que se deve fazer é aprender a trabalhar com o dinheiro o mais cedo possível.

Adicionalmente, cumpre ter – se em conta a teoria da racionalidade limitada de Simon (1965). Segundo o autor, não há como trabalhar – se com um conhecimento de todas as alternativas e suas consequências para a tomada de decisão. Particularmente, no caso do comportamento financeiro, jamais se pode pensar em decisões ótimas. Pode – se, entretanto, procurar – se por decisões satisfatórias tendo – se por substrato analítico a psicologia economia.

O descontrole de gastos é o motivo alegado por 12% das pessoas incluídas na ‘lista negra’ do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), conforme pesquisa realizada pela Associação Comercial de São Paulo.

Conforme a InfoPessoal (2007), uma das grandes dificuldades que os pais encontram, no que diz respeito à educação de seus filhos, é fazer com que eles entendam o valor do dinheiro. Em geral, as crianças que dificilmente se interessam

pelo assunto podem se tornar adultos incapazes de lidar com as próprias finanças. A InfoPessoal (2007) destaca, ainda, que, diante dessa realidade, algumas escolas brasileiras já estão desenvolvendo projetos de educação financeira, mas o número é ainda muito reduzido. A Instituição adverte adicionalmente que é inócuia a iniciativa da escola se em casa as crianças não tiverem as principais lições aliadas aos exemplos observados em sua família.

Melo-Silva(2011) assegura que as habilidades financeiras, no Brasil, são tratadas de forma restrita aos estudos de nível superior em cursos como Administração, Economia e Contabilidade ou por meio da vivência no âmbito profissional. Fora dessas áreas, a pessoa pode não ter oportunidade para fomentar o conhecimento financeiro, mesmo ciente do quanto importante é o assunto para a correta tomada de decisão de modo geral e para a elaboração adequada do seu orçamento financeiro.

Desse modo, ações que estimulem e proporcionem o contato com a educação financeira devem ser adotadas nas diversas classes sociais e faixa etárias. Particularmente, a compreensão dos principais determinantes de um sistema de crédito (limites, taxas de juros e prazos) é indispensável para que o tomador do empréstimo possa gerenciar e planejar as suas finanças pessoais. Cumpre destacar que, do ponto de vista do indivíduo, mais disponibilidade de crédito na economia pode redundar em endividamento irresponsável quando aquele que se utiliza do crédito não se preocupa em conhecer melhor os determinantes aludidos.

Tão importante quanto a disponibilidade do crédito que estimula a economia em decorrência ao aumento do consumo é a explicitação aos consumidores acerca dos riscos de endividamento inerente à sua utilização exacerbada. Sem essas orientações, o crescimento do crédito pode induzir a inadimplência. Quando isso ocorre, interrompem-se os empréstimos e a economia volta a reduzir a sua atividade. Sob essa lógica, tem início um movimento cíclico de expansão e retração do crescimento (Savoia, Saito & Santana, 2007). Conforme os autores: “no país há um tratamento incipiente dessa questão, determinado pelo baixo conhecimento e reduzida experiência dos agentes envolvidos no processo de capacitação financeira [...]” (Savoia *et al.*, 2007, p. 45).

Embora ainda não inserida de modo significativo nos planos de ensino, a educação financeira vem ganhando proeminência. “Organismos representantes de diferentes nações, autoridades governamentais, segmentos da iniciativa privada e organizações não governamentais têm enfatizado a necessidade, do ponto de vista prudencial, de se instruir financeiramente, cada vez mais, os cidadãos [...]” (Pinheiro, 2008 p.6).

No Brasil está em desenvolvimento a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) resultado de parcerias públicas e privadas que têm como diretrizes:

Art. 2o [...] I - atuação permanente e em âmbito nacional; II - gratuidade das ações de educação financeira; III - prevalência do interesse público; IV - atuação por meio de informação, formação e orientação; V - centralização da gestão e descentralização da execução das atividades; VI - formação de parcerias com órgãos e entidades públicas e instituições privadas; e VII - avaliação e revisão periódicas e permanentes (Brasil, 1999, p 195).

Depreende-se desse cenário que existe o esforço de algumas instituições, bem como do governo, no sentido de disseminar conhecimento e informações sobre finanças à população em geral, oferecendo-lhe condições para gerir seu próprio orçamento de forma satisfatória.

Kyosakie Lechter (2000) ressaltam a importância do desenvolvimento de habilidades financeiras. Gitman (2002, p. 4) conceitua finanças como “[...] a arte e a ciência de administrar fundos [...]”.

Esses autores acrescentam:

Assuntos como contabilidade e investimentos são importantes para a vida das pessoas, mas essas sabem muito pouco sobre o assunto, pois as escolas se concentram nas habilidades acadêmicas e profissionais, mas não nas habilidades financeiras. Isso explica porque médicos, gerentes de banco e contadores inteligentes que tiveram ótimas notas quando estudantes terão problemas financeiros durante toda a sua vida. (Kyosaki & Lechter, 2000, p. 22).

Cabe destacar que a contínua instabilidade experimentada por sucessivas mudanças na economia, os famosos choques heterodoxos, dificultava a adequada

educação financeira. O controle da inflação e o clima de mais previsibilidade propiciado pelo Plano Real abriu espaço para a percepção da educação financeira como conhecimento básico para o controle da vida de uma pessoa. Tem ficado cada vez mais evidente o fato de que uma educação financeira mínima é um imperativo de uma administração competente da vida pessoal de cada cidadão.

De acordo com D'Aquino (2008b), a educação financeira propicia tanto o conhecimento sobre o tema quanto a capacidade e aplicação dos seus princípios. Trata-se, assim, de assumir decisões efetivas sobre o gerenciamento do dinheiro tendo como base as técnicas adquiridas por meio dos currículos das disciplinas de economia e finanças.

Idealmente, a educação financeira deve ter início concomitantemente com o restante do ensino propiciado desde a infância. A escola deve, o mais cedo possível, iniciar o processo de transmissão de conhecimentos básicos em economia e finanças para que esse tipo de formação possa ser, paulatina e naturalmente, introjetada pelo aluno.

Para compreender com mais propriedade a importância da educação financeira na vida dos agentes econômicos, é imprescindível ter clara definição de seu significado e dos que a integram. Conforme proposta da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005, s.p.)

Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que com informação, formação e orientação claras possam desenvolver os valores e as competências necessárias para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar e, assim, tenham a possibilidade de contribuir de modo mais consciente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

Ainda segundo a OCDE (2005), a educação financeira auxilia os consumidores a orçar e gerir sua renda, a poupar e investir e a evitar que se tornem vítimas de fraudes.

A educação financeira tem por propósito auxiliar o sujeito na administração dos seus rendimentos e nas suas decisões de poupança e investimento, no consumo de forma consciente, evitando que se tornem vítimas de fraudes.

2.1.1 *Educação financeira no Brasil*

Em 1942, com o objetivo de uniformizar o dinheiro em circulação, durante o Estado Novo houve a adoção da moeda nacional Cruzeiro. D'Aquino (2008b, p. 8) frisa que “o Brasil foi palco de pelo menos duas décadas de um inacreditável pesadelo inflacionário”. Entre 1942 e 1994, houve oito mudanças de moeda, sendo que seis aconteceram no intervalo de 20 anos. Em decorrência, a sociedade permaneceu com marcas de desconfiança em relação ao dinheiro e passou a ter dificuldades em controlar o impulso de compra. Aliado a isso, a população não teve acesso a uma educação financeira sólida, daí sua importância para a educação escolar infanto-juvenil.

Em 2010 foi instituída, a partir do Decreto Federal 7.397/2010 (Brasil, 2010), a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que consiste em uma mobilização para divulgar e implementar a educação financeira no Brasil. O objetivo dessa política é fortalecer a cidadania a partir de ações que auxiliem a população a tomar suas decisões de forma mais independente e consciente. Foi pela associação entre entidades públicas e privadas que a estratégia foi criada. E a partir dessa iniciativa criou-se o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF), que é responsável pela direção, supervisão e pelo estímulo da ENEF. São oito órgãos e entidades governamentais que fazem parte, sendo eles: Banco Central do Brasil; Comissão de Valores Mobiliários; Superintendência Nacional de Previdência Complementar; Superintendência de Seguros Privados; Ministério da Justiça; Ministério da Previdência Social; Ministério da Educação e Ministério da Fazenda. Também fazem parte quatro organizações da sociedade civil: Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA); Bolsa de Mercadorias e Futuros & Bolsa de Valores de São Paulo (BMF&Bovespa); Confederação Nacional das Empresas de Seguros Gerais, Previdência Privada e

Vida, Saúde Suplementar e Capitalização (CNSEG) e Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN).

Em 2011, as quatro organizações da sociedade civil que compõem a CONEF criaram a Associação de Educação Financeira do Brasil (AEF-Brasil), que representa uma organização sem fins lucrativos, cujo objetivo foca-se em impulsionar a educação financeira no Brasil. Essa organização colabora e apresenta a função de coordenar e executar as ações transversais da ENEF.

Baixo conhecimento das restrições orçamentais e do real significado do dinheiro mediante uma análise de seu valor no tempo pode desencadear uma gestão inadequada das finanças pessoais. Essa situação aflige famílias no âmbito das economias de mercado, sendo ainda mais marcante nas economias e emergentes acidentais, em que a parcimônia no ato do consumo e a necessidade de constituir poupança são normalmente relegadas a um plano secundário.

No caso brasileiro, não obstante algumas tentativas de repassar à população uma educação financeira mínima ressente-se da falta de programas educacionais que passam a disponibilizar os elementos básicos para uma gestão financeira satisfatória. O Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), por exemplo, tem contribuído de modo bastante acanhado para lidar com essa questão, limitando-se, quase que exclusivamente, a um simples provedor de informação sobre inadimplência.

Cabe destacar que essa falta de domínio mínimo dos elementos básicos de gastos financeiros tornou-se particularmente preocupante a partir de 2013, quando o governo passou a incentivar o consumo via acesso facilitado ao crédito, visando mitigar os impactos deletérios da crise mundial que eclodiu em 2008. Tal estratégia, apesar de ter efetivamente impulsionado a economia brasileira, assumiu parcelas de empréstimos nem sempre adequadas ao nível de renda. Assim, a inexistência de uma cultura ancorada no planejamento pessoal tem deixado significativa parte da população brasileira vulnerável às incertezas e aos riscos inerentes aos financiamentos pessoais.

2.1.2 Consumismo

É consabido o poder da mídia para induzir as pessoas a arcarem com um consumo para o qual elas não possuem recursos financeiros adequados e que não atende a qualquer necessidade pessoal. Particularmente, crianças e adolescentes, por não contarem com as condições para avaliarem as ofertas que os recursos mediáticos lhes apresentam, são alvos preferenciais.

Depois da Revolução Industrial, que possibilitou o aumento da escala de produção e incrementou o volume de mercadorias em circulação, o mundo se modificou profundamente. O comportamento humano é, frequentemente, movido por distúrbios emocionais ou por motivações socioeconômicas, como uma espécie de compensação pela frieza do convívio social, pela carência financeira, por uma autoestima deteriorada, ocupação, personalidade, identificação com determinado estilo de vida e, por fim, os fatores psicológicos como a percepção, aprendizagem, motivação, crenças e atitudes (Denegri, Toro & Lopes, 2007).

O resultado dessa atitude impulsiva é geralmente o endividamento crescente, então, o indivíduo assume sobrecarga de trabalho, na tentativa de eliminar as dívidas. Consequentemente, é submetido a um regime de exploração no trabalho. Novamente se vê emocionalmente frágil e se torna propenso, de novo, ao consumismo feroz. Por conseguinte, o consumismo é um mal que assombra a sociedade, pois ele é irrefletido, ou seja, não pensado e não programado. O consumo associado às facilidades de obtenção de crédito faz com que as pessoas tornem-se cada vez mais adeptas do consumismo e mais endividadas.

O consumismo é uma compulsão que leva o indivíduo a comprar de forma ilimitada e sem a necessidade dos bens, das mercadorias e dos serviços, o que é comum em um sistema dominado pelas preocupações de ordem material, na qual os apelos do capitalismo calam fundo na mente humana. Esse é o motivo pelo qual o mundo contemporâneo no qual habitamos é conhecido como “sociedade de consumo”.

2.1.3 Psicanálise e educação financeira

Winnicott (1997), por meio da sua pesquisa realizada com mais de 60.000 crianças durante 40 anos, concluiu que o desenvolvimento emocional de uma criança possui três aspectos importantes: hereditariedade, cuidado materno e meio em que vive.

E estudos mostram que a partir dos quatro meses de idade já é possível iniciar um aprendizado financeiro com a criança. Nos momentos em que ela chora para querer algo, é aconselhável deixá-la esperar para começar a perceber que nem sempre poderá ter o que quer na hora em que deseja. Para Winnicott (1997), há controvérsias em relação à técnica do “deixar chorar”, pois, de acordo com a psicanálise, se a criança pequena chora é porque há algo de errado naquele momento que precisa ser sanado para que ela se sinta segura. Se nos primeiros meses de vida ela recebe o que deseja, o que necessita, sente que algo de bom lhe acontece, sente-se feliz. Ao contrário, se fica esperando e chorando, sente que vem do meio externo algo muito ruim, mas que ainda não sabe distinguir.

A pessoa passa a uma busca frenética de segurança. Uchoa (2004) destaca que se a criança não foi estimulada e deixou as fraldas muito tarde, pode se tornar um adulto omisso, sem controle financeiro, que arrisca demais sem calcular as consequências e acaba pagando um preço alto pelo que faz. Portanto, a passagem por essa fase deve acontecer sem traumas, com estímulos, sem repressões, com paciência e no tempo correto, a fim de a criança se tornar um adulto equilibrado. Com base na observação desses estudos, considera-se a data ideal para se iniciar a educação financeira a partir dos três anos.

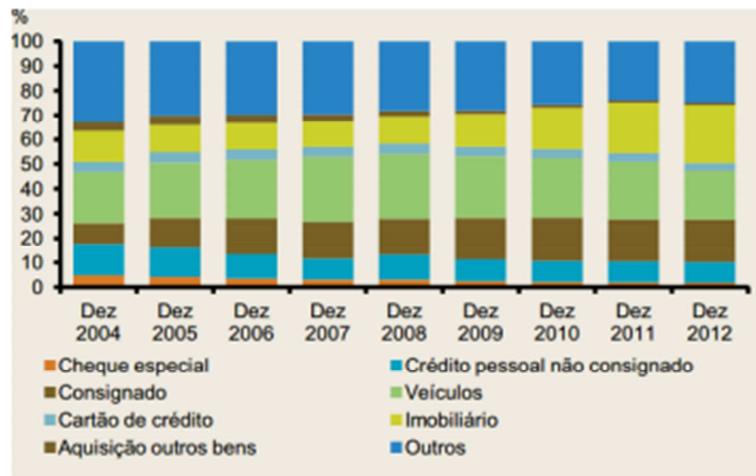
Por outro lado, a personalidade dos indivíduos é formada a partir do meio em que vivem. Desse modo, a criança, desde cedo, aprende a lidar com dinheiro observando como seus pais ou pessoas mais próximas o fazem: que tipo de ações tomam, o que falam, sobre o que reclamam. Os pais devem estar atentos para não reclamarem demais da situação que eles mesmos causaram. E, e se incomodados, devem buscar novas atividades, porque os comentários criam sentimentos nas crianças que podem perdurar na vida adulta. Conforme a InfoEscola (2007), os pais devem dar o exemplo no cuidado em relação ao dinheiro.

A educação financeira pode se iniciar a partir dos três anos, porque é aproximadamente nessa idade que a criança começa a pedir, ou exigir, a compra de objetos. Ela já percebe a existência do dinheiro, sabe que seus pais têm esse tal dinheiro que serve para comprar o que deseja.

2.1.4Endividamento

O consumo descontrolado, conjugado ao crédito fácil e impulsionado por um marketing financeiro, desencadeia um processo de endividamento perigoso que traz consigo uma série de consequências para a saúde das pessoas. O avanço dos recursos mediátivos torna o consumo consciente cada vez mais difícil. Atualmente, os bancos, como estratégia, oferecem uma gama de oportunidades e facilidades para que os clientes, inclusive os muito jovens, possam ter cartões de crédito, abrir contas, contas consignadas e, até mesmo, conseguir empréstimos.

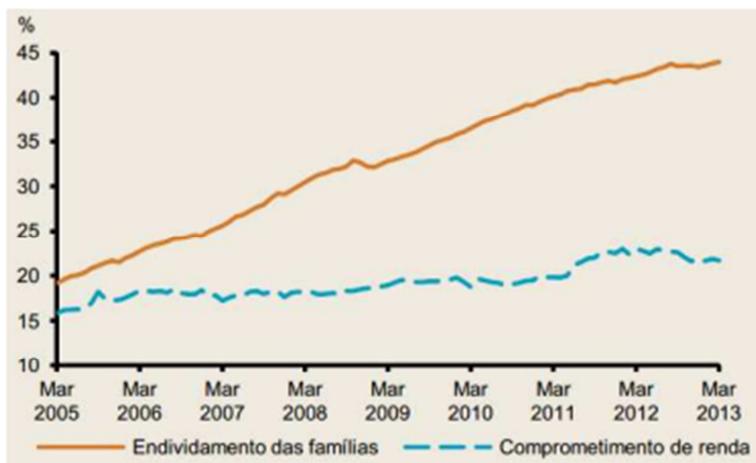
Acredita-se que o endividamento da população decorre, principalmente, do uso do cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, financiamento de veículos e as altas faturas de cartão de crédito. De acordo com pesquisa do Jornal Extra (2017), "Seis em cada dez (57%) inadimplentes estão com faturas do cartão atrasadas. Já o principal motivo que impede a quitação das dívidas, mencionado por 33% dos inadimplentes, é a falta de controle ou planejamento financeiro".

**Figura 2**

Composição das dívidas bancárias das famílias.

Fonte: Bacen. Banco Central do Brasil. (2013). *Caderno de educação financeira: gestão de finanças pessoais*. Brasília: BCB, Recuperado de: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf>..

De acordo com pesquisa do Banco Central do Brasil divulgada em março de 2013 e ilustrada na Figura 2, é possível verificar que o brasileiro está a cada ano comprometendo mais a sua renda com pagamento de dívidas. O grau de endividamento cresce segundo uma linha ascendente sem expectativa de reversão.

**Figura 3**

Endividamento e comprometimento de renda.

Fonte: Bacen. Banco Central do Brasil. (2013). *Caderno de educação financeira: gestão de finanças pessoais*. Brasília: BCB, Recuperado de: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf>..

O exame da evolução dos níveis de endividamento e comprometimento de renda indica substancial aumento em 2011, em consonância ao expressivo aumento do crédito imobiliário nesse período, ressaltando-se que as prestações mensais substituem, em parte, despesas com aluguéis. No decorrer do período, em linha com

a maior solidez do ambiente macroeconômico, ocorreram recuos relevantes nas taxas de juros e migração da demanda para modalidades de baixo risco e prazos mais dilatados, como crédito consignado e financiamento imobiliário (Bacen, 2013).

A redução expressiva dos juros trouxe a facilidade de acesso ao crédito, gerando, porém, ilusão em boa parte da população, que acabou contraindo dívidas sem terem condições de se manterem adimplentes.

A maioria dos brasileiros só se dá conta da gravidade do processo quando o nível de endividamento chega ao extremo. De acordo com Seabra (2010), eles contam com todo o salário para gastar, não poupando nada. Ou pior: além de gastarem todo o salário, ainda acumulam dívidas através de empréstimos ou compras parceladas com juros. Nesse ponto, porém, a situação fica ainda mais complicada. É preciso estabelecer metas desde o início. Luquet e Assef (2007, p.7) afirmam que "o remédio [...] não é aumentar a receita, mas essencialmente gerir melhor o que se tem". É notório que não se pode esperar a melhora significativa da renda, até porque esse fator não é garantia de saúde financeira. Faz-se, portanto, necessário definir os objetivos financeiros, elaborar o orçamento mensal explicitando claramente as receitas e despesas, controlar as dívidas e criar uma reserva para emergências. Essas ações exigem educação financeira, disciplina e acompanhamento sistemático.

Martins (2004, p.52) lembra que "a necessidade de ostentar e a vaidade excessiva são emoções que conduzem a pessoa a fazer gastos exagerados, na hora errada, de maneira impensada e abusiva, transformando-a numa máquina de destruir dinheiro". E é nesse ponto que se concentram as maiores armadilhas, como, por exemplo, comprar coisas desnecessárias ou por impulso.

De acordo com Pereira (2011), os gastos se tornam prêmios individuais que representam a oportunidade de esquecer as frustrações na vida, no trabalho e nos relacionamentos amorosos ou familiares. Funciona como uma terapia, mas está muito mais para compulsão. E traz consequências, a maioria das pessoas age de forma inconsciente, sem planejar o futuro e sem medir as consequências de suas decisões financeiras.

Empregar tempo e dinheiro para cuidar da sua educação emocional e da instrução financeira pode ser uma gostosa aventura; a felicidade está na própria jornada e não na chegada. Abraçar um projeto de aprendizado e crescimento pessoal é uma boa maneira de dar novo colorido à vida, além de propiciar resultados que o surpreenderão: mais dinheiro, mais liberdade, melhores opções e mais tranquilidade (Martins, 2004, p. 70).

O endividamento da população deve-se principalmente ao uso do cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, financiamento de veículos e as altas faturas de cartão de crédito. De acordo com pesquisa do Jornal Extra (2014), "seis em cada dez (57%) inadimplentes estão com faturas do cartão atrasadas. Já o principal motivo que impede a quitação das dívidas, apontado 20 por 33% dos inadimplentes, é a falta de controle ou planejamento financeiro".

Tais consolidados podem ser, porém, altamente prejudiciais, uma vez que, em geral, as pessoas que optam por esses meios de obtenção de crédito não possuem boa saúde financeira, aumentando, assim, o número de endividados.

Com o intuito de manter um padrão de dignidade, a ostentação que o indivíduo mesmo se impõe endivida-o descontroladamente.

Para Descouvières, Altschwager, Fernández, Iménez, Kreiter, Macuer & Villegas (1998), o endividamento é um consumo antecipado em que a pessoa utiliza o bem antes de pagá-lo. Para antecipar esse processo, os indivíduos fazem uso de vários meios, entre eles o crédito entendido nesse contexto como um contrato que permite pedir dinheiro emprestado por determinado período de tempo, partindo-se do pressuposto de que o devedor tem condições financeiras de honrar os seus compromissos.

2.1.5 Inadimplência

Pesquisas desenvolvidas pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) – (2018) e Federação do Comércio de Minas Gerais (2018) revelam que a população jovem do Brasil está cada vez mais comprometida com a inadimplência. O interesse especial em fazer compras resulta no gasto do salário e mesada antes do mês acabar.

Entende-se por socialização econômica o processo de aprendizagem das formas de relacionamento com o mundo econômico. Esse processo é mediado pela família, escola, pelas relações com os pares e influenciados pelos meios de comunicação. É mediante esse tipo de socialização que os indivíduos aprendem a interagir com a sociedade e com os fatores econômicos que embasam as relações econômicas. Voltado para o mundo infantil e familiar, Cantelli (2010) realizou uma investigação referente à área do conhecimento social que teve por objetivos conhecer os procedimentos utilizados por pais e mães de diferentes estruturas familiares e níveis socioeconômicos para a educação econômica de seus filhos. Os dados indicaram que o comportamento econômico das famílias, bem como os procedimentos utilizados para a educação econômica dos filhos, são intuitivos e não planejados, evidenciando a falta de informação dos pais sobre o processo de construção das noções sociais relacionadas à compreensão dos eventos econômicos.

Saber consumir, resistir às propagandas e ter condições para adquirir o produto são advertências importantes a serem direcionadas para esse público. É necessário também conhecer a natureza e a forma como os indivíduos são influenciados e direcionados pela mídia consumista em tempos de globalização.

2.2 Planejamento financeiro

O planejamento financeiro é um processo racional de administrar a renda, os investimentos, as despesas, o patrimônio e as dívidas, objetivando tornar realidade os sonhos, desejos e objetivos. É o planejamento financeiro que define as linhas de investimento e financiamento. Conforme Zadnowcz (2000), planejamento significa traçar metas, elaborar planos direcionados a peculiaridades do projeto que se almeja pôr em prática. As finanças, por outro lado, consistem em um método de administração dos recursos disponíveis, encaixando-se no meio empresarial ou particular, discutindo a distribuição e aplicação dos recursos, sejam eles decorrentes de um salário de pessoal ou do faturamento de uma organização.

Assim, o que se entende por planejamento financeiro é o ato de estabelecer o modo pelo qual os objetivos financeiros podem ser alcançados. Segundo Gitman (1997, p. 589), o planejamento financeiro “é um aspecto importante para o funcionamento e

sustentação da empresa, pois fornece roteiros para dirigir, coordenar e controlar suas ações na consecução de seus objetivos”, estabelecendo o modo pelo qual os objetivos financeiros podem ser alcançados. O plano financeiro é, portanto, uma declaração de como se deve agir em relação às finanças no futuro.

Para Maeyer (1972), o planejamento financeiro estabelece diretrizes de mudança e crescimento de uma empresa, preocupando-se com uma visão global, com os principais elementos de suas políticas de investimento e financiamento. Quando as estimativas e previsões a respeito do futuro revelam que a empresa não terá o resultado desejado por falta de recursos, cabe a ela providenciar outras fontes de recurso ou rever suas estimativas. Mayer (1972) salienta que, no processo de planejamento financeiro, é necessário levar em conta as incertezas internas e externas da empresa, para que essas forças não a afetem, uma vez que não se pode considerar a administração financeira como uma área isolada. Para isso, é necessário vasto conhecimento do negócio. Entre os fatores externos citam-se a situação geral da economia, taxas de inflação, taxas de juros correntes e projetadas, aspectos tributários e aumento nos custos. Gitman (1997) enfatiza que as empresas se utilizam de planos financeiros para direcionar suas ações com vistas a atingir seus objetivos imediatos e em longo prazo.

Os planejamentos financeiros costumam ser iniciados focando o alcance de objetivos em longo prazo e depois passam a visar os objetivos de curto prazo. O planejamento em curto prazo é denominado operacional e em longo prazo estratégico. Zadnowcz (2000) relata que o planejamento financeiro é desenvolvido por projeções, como estimativa mais aproximada possível da posição econômica financeira esperada. Compreende a programação avançada de todos os planos da administração financeira e a integração e coordenação desses planos com os planos operacionais de todas as áreas da empresa.

2.2.1 Planejamento financeiro pessoal

O planejamento financeiro, de acordo com Santos (1984), consiste em ordenar a vida financeira de tal maneira que permita ao indivíduo ter reservas para os imprevistos e sistematicamente construir um patrimônio, seja ele financeiro ou

imobiliário, que garanta fonte de renda suficiente para propiciar uma vida tranquila e confortável. Para o autor, o orçamento familiar ou pessoal é uma previsão de receitas (renda, juros, alugueis) e despesas em determinado período de tempo (mês, trimestre, ano).

Essa previsão permite que a pessoa visualize de forma organizada como estão suas contas no presente e como elas ficarão em determinado período de tempo à frente, podendo ser escrito ou não. Se for escrito, indica mais interesse pela sua utilização e fornece informações de melhor qualidade. Ao contrário, se não estiver escrito, mas apenas registrado na memória da pessoa, poderá fornecer informações sem muita precisão. Assim, o autor afirma que ter um orçamento escrito e formalmente organizado é uma condição necessária para se ter um planejamento financeiro satisfatório. Muitas pessoas chegam a elaborar um orçamento, mas desistem ao verificar que ele não funciona a contento.

Um bom planejamento financeiro pessoal começa pela criação de um orçamento pessoal confiável, o que significa previsões com satisfatório grau de precisão. Para algumas pessoas, as previsões mais incertas são as de renda. Entre elas, destaca-se aquela cuja renda é formada principalmente por comissões ou bônus. Nesses casos, Santos (1984) menciona que o melhor a fazer é trabalhar com três hipóteses de renda anual: a provável, a otimista e a pessimista. Assim, as despesas obrigatórias ficariam atreladas à previsão pessimista. Um valor mais elevado de gastos seria realizado caso se confirmasse a previsão provável ou a otimista. Quanto às despesas, se há um orçamento detalhado e disciplina na sua execução, não haveria, na maioria dos casos, porque haver surpresas nos valores realizados. Entretanto, Santos (1984) destaca que muitas pessoas se deparam com o fato de as despesas projetadas serem sempre superadas. Isso acontece, geralmente, porque o orçamento de despesas foi elaborado de modo incompleto.

Convém lembrar um princípio básico: sem planejamento cuidadoso, os gastos serão sempre maiores do que se imagina. Uma pessoa pode ter um orçamento bem elaborado, sem muitas dificuldades com as projeções de renda e despesas e ainda assim enfrentar sérios problemas na administração das contas. E isso acontece quando existe um descasamento temporário entre renda e despesa.

A pessoa pode ter uma renda anual compatível com sua despesa, mas em determinados meses a renda é menor do que a despesa e, em outros, acontece o contrário. Nesse caso, segundo Santos (1984), é preciso que a pessoa tenha, além do orçamento, uma projeção de entradas e saídas de dinheiro mês a mês, ao longo do ano: seria o seu orçamento de caixa.

2.2.2 Elaboração do planejamento financeiro

O planejamento das finanças é algo constante e mutável. Cada indivíduo pode se organizar de maneira diferente. Esses controles podem ser feitos mediante simples planilhas ou anotações e por meio de desenvolvidos especialmente para atender a esse tipo de demanda e organizar o fluxo de caixa. De acordo com Blanco:

Quando o fluxo de caixa estiver bem detalhado, é possível fazer estimativas e previsões do que se vai receber, gastar e investir nos próximos meses e anos. Com isso, você estará elaborando um orçamento, processo de estimar e controlar as despesas e gastos, buscando um equilíbrio com as receitas. É instrumento básico para melhorar a sua vida financeira, seja para aumentar os investimentos ou se livrar das dívidas. Ajuda a definir os gastos e monitorar o seu desempenho nesta tarefa (Blanco, 2015, p.75).

O mais importante não é o processo em si, mas a eficiência desses controles, que devem ser sempre mantidos atualizados. Por esse motivo a revisão periódica é tão importante, servindo para avaliar o progresso e verificar se as metas e objetivos estão sendo alcançados. Com o decorrer do tempo, mudanças na vida, como casamento e filhos, requerem alterações no plano. Outras mudanças, como, por exemplo, no âmbito da economia, como aumento ou queda de juros, inflação e alterações na legislação tributária ou previdenciária, são aspectos que devem ser avaliados para identificar a necessidade de alterações do plano. Muitas vezes fazer um planejamento financeiro não significa fazer um corte nos gastos, mas sim gastar melhor o dinheiro com as coisas que são realmente importantes.

O corte de gastos é algo doloroso de se fazer. Significa abrir mão, em muitos casos, daqueles pequenos prazeres que parecem fazer a vida valer mais a pena. Entretanto, este sacrifício de hoje será pequeno se comparado à alegria

de conseguir alcançar o seu objetivo. Esta é a base do pensamento da Educação Financeira (Minhas Economias, 2015, s. p.)

É necessário fazer um controle de todas as despesas. Isso significa anotar diariamente cada despesa realizada e qual o meio de pagamento utilizado – dinheiro, cartão ou cheque. As despesas devem ser agrupadas em categorias – educação, alimentação, moradia, etc. – para que seja possível realizar melhor análise. Esse procedimento permite verificar as quantias gastas em cada categoria e então estabelecer um orçamento, um limite de gastos para cada uma delas.

É possível encontrar na Internet *softwares* específicos para controle de finanças pessoais, muitos deles de forma gratuita e com acesso disponibilizado por meio dos aplicativos nos *smartphones*. Em sua maioria, esses *softwares* disponibilizam opções de gráficos e relatórios, facilitando ainda mais a visualização dos resultados. Outra opção é a utilização de planilhas, como ilustrado na Figura 4 (UOL Notícias, 2014).

PLANILHA DE GASTOS MENSALIS												
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
4 Receitas	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$
5 Salário												
6 Rendimentos Bancos												
7 Outros												
8 Total de RECEITAS	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
9												
10 Despesas	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$	R\$
11 Aluguel												
12 Conta de água												
13 Conta de luz												
14 Conta de telefone												
15 Gás												
16 Jantares												
17 Transportes												
18 Conta celular												
19 Tv a cabo / Internet												
20 Supermercado / Feira												
21 Plano de saúde / Dentista												
22 Manutenção do carro												
23 Seguro												
24 Combustível												
25 Roupas / Calçados												
26 Mensalidade Escolar												
27 Reformas e Manutenção												
28 Total de DE SPESAS												
29												
30 Quanto Sobrou ?												
31												
32												

Figura 4

Planilha de gastos mensais.

Fonte: UOL Notícias. (2014). *Saiba como montar uma planilha de gastos mensais personalizada*. Recuperado de:

<http://tecnologia.uol.com.br/album/planilha_de_gastos_excel_album.htm#fotoNav=3>.

Outro ponto importante para o efetivo controle das finanças pessoais é a definição dos objetivos e estabelecimento de prazos visando à factibilidade do controle. Uma sugestão é estipular objetivos de curto (um ano), médio (cinco anos) e longo prazo (10 anos), examinando o que se necessita fazer agora para atingir esses objetivos. É importante passar todos os dados para o papel (planilha, *softwares*), para que sejam visibilizados com mais clareza os números e prazos, tornando-os mais consistentes.

Da discussão anterior, pode-se depreender que o importante é a utilização de um instrumento qualquer de acompanhar periodicamente e o modo simultâneo de toda e qualquer despesa e receita, mesmo que seja por meio de uma simples planilha elaborada pela própria pessoa.

2.2.3 *Modelo de dinheiro*

Eker (2006) cita que a maioria das pessoas simplesmente não tem capacidade para conquistar e conservar grandes quantidades de dinheiro. Todos têm um plano de dinheiro no subconsciente, que, segundo Eker (2006), acaba por determinar como se cria a realidade e a riqueza. Ele se chama processo de manifestação e se expressa pela equação $P + S + A = R$, que significa: pensamento, sentimentos, ações e resultados. Assim, o modelo financeiro de uma pessoa consiste numa combinação dos seus pensamentos, dos seus sentimentos e das suas ações em questões de dinheiro.

De acordo com esse modelo, a informação ou programação que uma pessoa recebe no passado, sobretudo quando criança, determina fundamentalmente os resultados que ela obterá do trato com o dinheiro. Em outros termos, os pensamentos, sentimentos e o modo de agir em relação ao dinheiro incutidos na infância resultarão em um processo automático de comportamento financeiro ao longo da vida da pessoa (Eker, 2006).

Existe, entretanto a possibilidade de que o adulto se reprograme para produzir resultados distintos daqueles obtidos pelo processo até então automatizado e integralizado por ele. Isso significa atuar mediante um novo modelo $Pr + P + S + A = R$, em que Pr significa programação. Desse modo, procedendo a uma nova programação, rompe-se a cadeira automática e geram-se resultados diferentes. Kiyosaki e Lechter (2000) sugerem três maneiras de se estabelecer o condicionamento: a) **programação verbal**: aquilo que se ouve na infância; b) **exemplo**: aquilo que se vê na infância; c) **episódios específicos**: as experiências vividas na infância.

As estatísticas, como informa Eker (2006), mostram que o maior conflito está no entendimento das pessoas em relação aos modelos de dinheiro utilizados, em que

cada qual o modela de acordo com a realidade, sem qualquer planejamento presente ou futuro. E a consciência observa os pensamentos e as ações para que se possa fazer escolhas verdadeiras, feitas no momento presente, em lugar de ser governada por uma programação proveniente do passado.

Kiyosaki e Lechter (2000) defendem a ideia de que a maioria das pessoas ao receber mais dinheiro apenas passará a se endividar mais, pelo fato de acreditar que mais dinheiro vai resolver a situação e, ao contrário, isso ocorrerá pela simples falta de instrução financeira.

2.2.4 *Educação financeira como tema transversal*

Para Pregardier (2015), o professor apresenta uma posição privilegiada no que se refere à formação de hábitos, pois trabalha com crianças e adolescentes em um estágio no qual estes estão desenvolvendo conexões entre o seu comportamento e suas experiências vivenciadas. Os hábitos estão inseridos na vida das pessoas em seus cotidianos e são resultado do processo de formação que o indivíduo obteve desde sua infância, ou seja, a cada conduta realizada, o hábito passa a ser praticado. Sendo assim, é imperativo destacar a influência do desenvolvimento de técnicas e recursos de intervenção em sala de aula pelos professores.

O mesmo autor enfatiza que, a partir da inserção de hábitos práticos e saudáveis, é possível contribuir para a melhor qualidade de vida das pessoas. Portanto, ao se introduzir atividades sobre o tema da educação financeira desde o início da vida escolar, é provável que os alunos passem a dispor de hábitos econômico-financeiros para praticar em sua vida social. Domingos (2016) enfatiza que o ensino da educação financeira não se apoia apenas na matemática, cálculos e planilhas, sendo o tema muito mais do que isso, mesmo considerando que estas são ferramentas importantes a serem utilizadas. Também é importante levar em conta que os hábitos e costumes da vida diária afetam o modo como se utiliza o dinheiro, ou seja, é base para a educação financeira.

Dessa forma, faz-se necessário o desenvolvimento da educação dos indivíduos de forma integral para que haja unificação da ação educadora, como enfatiza Perissé

(2014). Como esses temas acabam resgatando tópicos da vida real, é importante que os professores busquem interligá-los ao contexto de cada disciplina. A autora também relata que a interdisciplinaridade acabará por criar um grau de curiosidade dos alunos acerca dos temas relacionados. Esse sentido de integridade refere-se aos professores que têm conhecimentos sobre diversas áreas e que ao mesmo tempo são capazes de associá-los, ou seja, possuem “uma visão ‘religadora’ de saberes” (Perissé, 2014, p. 6).

A educação financeira, conforme descrito anteriormente, é abordada nas escolas como um tema transversal nas disciplinas curriculares e tem particular importância para cada uma delas. Em seu estudo, Perissé (2014) realizou a descrição de uma análise particular da transversalidade para cada disciplina.

2.2.5 *Estratégia Nacional De Educação Financeira (ENEF)*

O Banco Central do Brasil (2013) relata que até o ano de 2011 não existia uma política governamental voltada para a educação financeira e que inexpressivas ações vinham sendo implantadas no Brasil. Somente em 2010 o governo federal, por meio do Decreto 7.397/2010 (Brasil, 2010), publicado no Diário Oficial de União de 22 de dezembro de 2010, instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF). Entre maio de 2010 e dezembro de 2011, deu-se início ao projeto-piloto, com o intento de avaliar a adequação do material produzido para o ensino médio, que começou a promover as diretrizes da educação financeira no Brasil. O projeto incluiu 891 escolas voluntárias do ensino médio nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Tocantins, Ceará, Distrito Federal e Minas Gerais. Treinou 1.200 professores e atingiu 27.000 alunos com idades entre 14 e 17 anos (Banco Central do Brasil, 2013).

Conforme o guia do programa “Brasil: implementado a estratégia nacional de educação financeira”, formado pelo Banco Central do Brasil em 2010, a ENEF propôs como objetivo implementar o programa para três públicos-alvo: crianças, jovens e adultos, promovendo a educação financeira nas escolas, oportunizando aos

alunos aprenderem a enfrentar desafios cotidianos e a realizarem seus sonhos por meio do uso adequado de ferramentas financeiras. Inserindo conceitos sobre educação financeira nas aulas de Português, Matemática, Sociologia e História, utilizou-se material didático específico sobre riscos e vantagens de compras à vista e a prazo, entre outros. Para que isso viesse a acontecer, os educadores precisaram capacitar-se e os livros didáticos tinham que ser adequados à nova realidade (ENEF, 2011).

O plano para a implantação da ENEF destinava-se a escolas de ensino fundamental e médio, sob a orientação do Ministério da Educação (MEC) e com a colaboração das Secretarias de Educação estaduais e municipais. O Banco Central ressalta que a coordenação do programa deveria ser centralizada para evitar o uso desses conhecimentos como ferramenta de marketing ou venda disfarçada de produtos e serviços financeiros.

Conforme Marchetti (2011), apesar de identificar os esforços desencadeados para implantação de um projeto de educação financeira no Brasil, não foram encontrados resultados com esses programas. Provavelmente, isso se deve ao fato de se tratar de iniciativas isoladas, nem sempre assumidas pelos gestores educacionais, e pela falta de divulgação do acompanhamento dessa experiência gerenciada pelo governo brasileiro.

2.2.6 *Orçamento familiar*

Ressalta Hoji (2001) que o orçamento familiar ou doméstico é o planejamento das despesas e receitas de uma família ou indivíduo, desenvolvido a partir da organização e controle constantes com o intuito de proporcionar o equilíbrio financeiro, o registro eficiente do fluxo de caixa, ou seja, dos gastos e rendimentos mensais. Coelho (2010) afirma que a educação financeira familiar nada mais é que saber administrar seu dinheiro e as contas de casa.

A maioria das famílias, mesmo sem ter conhecimento, formula um tipo de orçamento para que ao final de cada mês não falte dinheiro e sobrem contas. Grande parte das famílias realiza o orçamento familiar para o período de um mês, pois a cada mês que

se passa surgem novas contas e despesas fixas, tais como aluguel, energia, água, telefone, mensalidade escolar, entre outros. Mesmo que a renda familiar seja satisfatória para conduzir o lar, é preciso pensar no futuro, em aplicar o dinheiro que sobrar ao fim de cada mês, para que ele renda juros e, daí, então, pensar em como chegar à aposentadoria de forma segura e tranquila, sem dívidas e uma boa reserva (Coelho, 2010).

É importante ter um orçamento escrito e formalmente organizado para obter-se um planejamento financeiro satisfatório. Muitas famílias chegam a elaborar um orçamento, mas por falta de aplicabilidade e organização desistem ao verificarem que não estão fazendo o uso adequado do planejamento (Instituto de Estudos Financeiros IEF, 2016). Enfatiza Peretti (2007) que muitas famílias não aprendem no fim do mês. Quando todas as despesas estão relacionadas, pode-se averiguar e acompanhar o que foi gasto, quanto se recebeu ou está para ser adquirido. Logo, quando o orçamento está equilibrado, pode-se aumentar a despesa, para elevar o padrão de vida ou pensar em investir em longo prazo.

No período de 2008 a 2009, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) realizou uma pesquisa de orçamentos familiares, que teve como objetivo fornecer informações sobre a composição dos orçamentos domésticos, a partir da investigação dos hábitos de consumo, da alocação de gastos e da distribuição dos rendimentos, segundo as características nos domicílios e das pessoas.

2.2.7 Importância de poupar

D'Aquino (2012) preconiza que poupar é a capacidade de planejar a realização de um desejo, que trará benefícios nesse adiamento de gastos. Dessa forma, faz-se necessário ensinar a gastar dinheiro, pois gastar dinheiro é fazer escolhas. Já para Kiyosaki e Lechter (2000), muitas pessoas não compreendem que na vida o que importa não é quanto dinheiro você recebe, mas quanto dinheiro você conserva. Saber consumir é uma habilidade tão importante quanto saber economizar.

O Banco Central do Brasil (2013) estabelece que poupança é a diferença entre as receitas e as despesas, ou seja, entre tudo que ganhamos e tudo que gastamos. Ao

poupar, economiza-se dinheiro no presente para ser utilizado no futuro. Os valores poupadados no presente e investidos durante alguns anos poderão fazer muita diferença na qualidade de vida do poupador no futuro. O Banco Central do Brasil (2013) relata que são vários os motivos para poupar:

- a) Precaver-se diante das situações inesperadas;
- b) casa própria;
- c) futuro dos filhos;
- d) preparação para a aposentadoria; e
- e) realização de sonhos.

Em consonância com Rocha (2015), quando a pessoa tem as finanças em ordem, ela escolhe melhor suas decisões. Isso ajuda não só na vida financeira, mas também nos aspectos familiares. Nesse sentido, ao ensinar uma criança a lidar com dinheiro, quando adulta ela terá mais chances de aprender a administrar suas finanças. Saberá a importância de poupar, guardar para comprar, guardar para poupar mais.

Poupar é semear para poder colher bons frutos sempre e, assim, abrir portas para a prosperidade, demonstrando que não se satisfaz com pouco, sabendo, ainda, o que deseja e como alcançar melhorias. Poupar é muito mais que apenas deixar de consumir, de usar ou de tirar proveito imediato de algo. Poupar é um ato de superioridade sobre as tentações do mundo capitalista, é uma atitude de inteligência que costuma ser recompensada com boas oportunidades (Modernell, 2012). O autor ainda ressalta que não é preciso fazer grandes sacrifícios, mas, sim, perseverança. Quando desde cedo se começa a poupar, menor pode ser a parcela de poupança ao longo da vida. Quem escolhe poupar apenas o que sobra, geralmente nada poupa, pois raramente sobra. Quem economiza pensando em investir em si mesmo certamente fará uma grande poupança, proporcional ao tamanho dos seus sonhos.

2.2.8 A importância para a tomada de decisão

Embora a utilização do dinheiro faça parte da rotina diária das pessoas, são poucos os que sabem realmente lidar com a tarefa de administrá-lo de forma eficiente.

Estudar as melhores formas de poupar e investir dinheiro traz inúmeros benefícios à população, como, por exemplo, fácil e rápido acesso ao sistema financeiro, redução do risco de endividamento e auxílio no desenvolvimento de novas empresas.

Em síntese, os indivíduos educados financeiramente são bem mais protegidos contra o endividamento do que os que não se preparam. A ausência de noções básicas de finanças deixa a população mais vulnerável às armadilhas que prometem retorno alto, rápido e com baixos riscos. As finanças pessoais buscam estudar e analisar as condições de financiamento nas aquisições dos bens e serviços necessários à satisfação das necessidades e desejos dos indivíduos (Pires, 2006).

O investimento pessoal, assim como nas organizações, é muito importante para a conquista dos objetivos de vida dos seres humanos. Há duas formas básicas de investimento: os investimentos financeiros e os investimentos operacionais. O investimento financeiro nada mais é do que a aplicação de dinheiro em ativos de realização rápida, como poupança, fundos de investimento, etc. A característica principal desse tipo de investimento é a alta liquidez, ou seja, pode ser convertido em dinheiro em um prazo relativamente curto de tempo (Hoji, 2011).

Esse tipo de investimento não é tão comum se se levar em consideração a falta de conhecimento sobre administração de finanças pessoais e a baixa remuneração da população. Já o investimento operacional pode ser descrito como a aplicação financeira em ativos que geram receita, como, por exemplo: imóveis, terrenos, etc. Esse tipo de investimento é mais aplicável ao cotidiano das pessoas que não possuem técnica para poupar. Dessa forma, acaba sendo viável adquirir bens (móvels e/ou imóveis) que tenham boa liquidez, a fim de que se possa (no curto ou médio prazo) transformá-los em recursos financeiros. Esse exemplo é bastante aplicável aos indivíduos que fazem adesão aos consórcios de veículos ou imóveis para que posteriormente (após contemplação) possam usufruir do crédito para outras finalidades. Para que os investimentos possam ser realizados, faz-se necessário um planejamento prévio (Hoji, 2011).

Em geral, a população age por instinto, imitando os costumes das demais pessoas, mas sem possuir as informações suficientes e com pouca reflexão. Para Ferreira

(2006), no planejamento determina-se de forma antecipada o que se pretende com o dinheiro e detalham-se os planos necessários para se alcançar os objetivos. Dessa forma, verifica-se que este estudo é bastante importante para a forma como o indivíduo ou sua família administram sua renda e tomam as decisões financeiras do cotidiano. O estudo das finanças pessoais busca assegurar que as despesas dos seres humanos sejam mantidas a partir de fontes controláveis, possibilitando evitar altos índices de endividamento.

A educação financeira revela sua importância quando se observa que é necessário estabelecer e seguir uma estratégia para atingir objetivos financeiros e acumular as riquezas que no futuro formarão o patrimônio dos indivíduos. Esse planejamento exige autodisciplina e mudança de hábitos para entender o valor futuro do dinheiro e a observação da satisfação das necessidades. “[...] a prática de um planejamento financeiro pessoal certamente trará este componente de qualidade de vida representado pelo sentimento de liberdade, que pode ir além da mobilidade de emprego para situar-se até mesmo no exercício pleno da consciência profissional” (Sousa & Torralvo, 2012, p. 80).

É válido ressaltar que a cultura, a partir dos valores individuais dos seres humanos, contribui para a seleção dos critérios que permitem avaliar as formas de consumo. Esses aspectos influenciam no processo decisório, assim como todas as diferenças individuais e as influências do ambiente. O consumo é influenciado pela forma como o estímulo ao consumo é recebido, interpretado e gravado na memória. Logo, uma grande quantidade de informações sobre determinados produtos pode influenciar de forma relevante na decisão de compra, já que não é possível processar tantas informações rapidamente. Muitos fatores podem influenciar no processo de decisão. Parte desses fatores é de origem interna (desejos) e a outra de origem externa (influências). Os aspectos pessoais de origem interna são também denominados diferenças individuais. Para Sousa e Torralvo (2012, p. 60), os aspectos intrínsecos do ser humano estão relacionados a “motivação, atitudes e personalidades”.

O lado exógeno, ainda segundo os autores, pode ser “influenciado pelos mais diversos instrumentos de marketing, de simples propagandas por meio de folhetos, banners a até recursos nãovisíveis”, como é o caso da música, do aroma dos

ambientes, etc. Sem dúvida a cultura (aspecto externo), a com base nos valores pessoais, tende a contribuir na atribuição de mais ou de menos ponderação de critérios para a avaliação de alternativas de consumo (Sousa & Torralvo, 2012).

Levando-se em consideração os dois focos do processo decisório, pode-se destacar que o estudo das finanças pessoais é abordado na literatura acadêmica também em duas vertentes: sob a perspectiva do bem-estar pessoal e sob a perspectiva do bem-estar da sociedade. A importância da educação financeira pode ser vista sob diversas perspectivas: sob a perspectiva de bem-estar pessoal, jovens e adultos podem tomar decisões que comprometerão seu futuro; as consequências vão desde desorganização das contas domésticas até a inclusão do nome em sistemas como Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) e Centralização de Serviços dos Bancos (SERASA), que prejudicam não só o consumo, como, em muitos casos, a carreira profissional. Outra perspectiva, de consequências mais graves, é a do bem-estar da sociedade.

Em casos extremos, pode culminar na sobrecarga dos já precários sistemas públicos ou ocasionando políticas públicas de correção. Alguns exemplos seriam o aumento ou a mera existência de impostos e contribuições, com a finalidade de, mediante programas compensatórios, equilibrar orçamentos deficientes de indivíduos não necessariamente pobres, ou, ainda, o aumento da taxa básica de juros para conter consumo e diminuir taxa de inflação, bem como a dependência total de sistemas como Sistema Único de Saúde (SUS) e Instituto Nacional da Seguridade Social (INSS) (Lucci, Zerrenner, Verrone & Santos, 2006, p. 3).

Percebe-se que o comportamento financeiro pessoal pode repercutir de forma negativa não só para o próprio indivíduo, mas também para toda a sociedade, de tal forma que o baixo nível de conhecimento financeiro de um grupo social pode afetar diretamente nas políticas públicas adotadas pelo governo para manter a economia estável e equilibrada, favorecendo o aumento das taxas de juros e a sobrecarga dos sistemas públicos de saúde e previdência. De acordo com os resultados apresentados pela última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), realizada entre 2008 e 2009, chegou-se à conclusão de que o perfil do brasileiro é estritamente voltado para o consumo. Os dados revelam que, no geral, as despesas com

educação nas famílias com renda até R\$ 830,00 (menor patamar considerado na pesquisa) chegam a 0,91%, enquanto que os gastos com aquisição de veículos chegam a aproximadamente 2,41% (IBGE, 2009).

A questão da previdência é outro tema que pode ser observado com clareza nesta pesquisa e que afeta toda a sociedade. A previdência social do governo brasileiro já é vista como insuficiente para a massa populacional existente e que deve existir nos próximos anos. Existem muitas pessoas que não contribuem durante suas vidas, mas que recebem aposentadoria por terem alcançado a idade que lhes concede o direito. A previdência brasileira administra hoje um dos maiores programas de renda mínima do mundo, na exata proporção em que paga benefícios de um salário mínimo por mês a 7,9 milhões de brasileiros que não contribuíram para a previdência social (Najberg & Ikeda, 1999).

O Estado já tenta transferir essa responsabilidade para o cidadão que, quando pode, recorre à previdência privada, que nada mais é do que um investimento em longo prazo. Compreendendo e administrando as finanças pessoais a partir do planejamento de gastos e programação de metas para compras e investimentos, alcançam-se bons resultados e podem-se evitar situações como endividamentos, estresse, desentendimentos familiares, entre outros males (Fundação Procon-SP, 2010, p. 4).

Dessa forma, a educação financeira para a vida é muito importante, por diversos motivos, entre eles porque influí diretamente na qualidade de vida dos seres humanos. Para que o planejamento ocorra efetivamente, é necessário que haja o reconhecimento das necessidades de aprendizado e a aceitação da promoção de mudanças para substituir hábitos inadequados.

2.2.9 *O ensino sobre finanças pessoais*

O cotidiano das pessoas é repleto de situações que evidenciam a necessidade de haver conhecimento prévio sobre finanças. Mesmo não tendo a profissão relacionada a esse tema, sempre há a necessidade de resolução de problemas referentes aos investimentos e análise das finanças pessoais. A preparação para lidar com essas situações não ocorre em grande parte dos casos. O ensino básico

não aborda com ênfase os tópicos relacionados ao planejamento financeiro, limitando-se, na maioria dos casos, à abordagem de algumas situações de juros simples e compostos. No ensino superior, as finanças são tratadas sempre na ótica empresarial e em algumas áreas de Ciências Exatas, deixando muitas outras áreas deficientes quanto ao estudo de um tópico essencial para o sucesso financeiro pessoal. A educação infantil avançou muito nas últimas décadas.

Em 1990 foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que determina que sejam traçadas políticas com o objetivo de zelar pelo respeito aos direitos da criança e do adolescente. Logo em seguida, no ano de 1996, foi criada a Lei 9.394, que busca regulamentar a educação infantil, focando no desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social, atuando como complemento da família e da sociedade (Craidy & Kaercher, 2007 como citado em Sousa, 2008).

A cultura que os brasileiros possuem de não valorizar o estudo das finanças pessoais é abordada por Sousa e Torralva (2008, p. 25): “no Brasil, a educação financeira é algo que pode ser considerado novo para a maioria. Não é hábito dos brasileiros fazer planejamentos financeiros, falar sobre dinheiro, principalmente com criança. Também, o país mudou de moeda oito vezes em 52 anos (1942 e 1994) [...]. Verifica-se que é com base na educação financeira que os consumidores podem aperfeiçoar o conhecimento sobre os produtos financeiros e desenvolver técnicas seguras que os tornarão mais conscientes de riscos e oportunidades financeiras, passando a fazer escolhas corretas e buscando nos lugares certos as informações sobre o mercado financeiro.”

2.2.10 A formação para a vida financeira no ensino

Podem-se considerar finanças pessoais como sendo a ciência que estuda a aplicação de conceitos financeiros nas decisões financeiras de uma pessoa ou família (Cherobim&Espejo, 2010). Pode ser associado às finanças pessoais todo tipo de evento que exerce influência direta nas formas de consumo de um indivíduo ou família como opções de financiamento, investimentos, conta corrente, controle de gastos, etc. (Kioyosaki, 2000 como citado em Sousa e Torralvo, 2008, p. 33).

O que é necessário para se fazer dinheiro não é dinheiro, mas alfabetização financeira. Pode-se ter muito dinheiro e ainda pensar como uma pessoa pobre. Se pensar assim, não importa quanto dinheiro se ganhe, será gasto todo ele e o fim será a pobreza. Pode-se verificar que a educação financeira tem a responsabilidade de criar as bases para que na vida adulta o ser humano tenha uma relação saudável, equilibrada e responsável com o dinheiro (D'Aquino, 2008b).

Deve-se permitir que as crianças diferenciem as suas necessidades e desejos, verificando quais as possibilidades a que o dinheiro pode atender. É preciso mostrar desde cedo que, para que sejam alcançados os objetivos, terão que fazer algumas escolhas, informar-se e adiar alguns dos desejos que possuem. A criação de hábitos financeiros saudáveis desde a infância auxilia no desenvolvimento financeiro dos indivíduos e reduz o risco do consumismo desenfreado, ao mesmo tempo em que torna o ser humano capaz de aproveitar o seu dinheiro com ações que trarão rentabilidade e autorrealização.

Para Sousa e Torralvo (2008, p. 35):

A alfabetização financeira é importante, pois, a todo o momento manipulamos o dinheiro. Ele afeta diretamente nossa vida pessoal e é (para a maioria) a razão da vida profissional. O que vemos frequentemente são jovens despreparados endividados, sofrendo com o consumismo, sem saber planejar o próprio futuro. Como a educação financeira no país é um tema razoavelmente novo, torna-se comum para o brasileiro não planejar as suas finanças ou mesmo discutir sobre esse tema.

Quando se fala da educação infantil, notadamente haverá um resquício desse costume em relação aos ensinamentos infantis. Ainda segundo Sousa e Torralvo (2008), a ausência do conhecimento básico sobre dinheiro pode atrapalhar a vida financeira da criança por muito tempo; ela pode se formar um excelente profissional, ganhar muito dinheiro, porém não conseguir administrar sua vida financeira, já que no seu berço não lhe foi transmitida tal informação. A educação financeira infantil passa pela questão da publicidade. A criança precisa ser educada para que não acabe caindo na rede do consumismo. A mídia cada vez mais tem focado esse público, visando à potencialidade que têm de abraçar as inovações.

Segundo Caldas (2011), a mídia coloca “bichinhos” no meio da propaganda e fala uma linguagem infantil porque sabe que 80% da influência de compra dentro de uma casa originam-se das crianças. Autores como D’Aquino (2007) alertam que a educação financeira é função atribuída aos pais e não à escola. À escola cabe apenas reforçar o que foi aprendido em casa. Nos países desenvolvidos a educação financeira cabe às famílias.

Às escolas cabe a função de reforçar a formação adquirida em casa. No Brasil, a educação financeira não está presente nem no universo familiar nem nas escolas. A criança não aprende a lidar com dinheiro nem em casa nem na escola. As consequências disso são determinantes para uma vida de oscilações econômicas, com graves repercussões tanto na vida do cidadão, quanto na do país. Dessa forma, se há dificuldades com finanças, isso se deve a alguma dificuldade de entendimento, seja de palavras ou números. Conforme Kiayosakie Lechter (2000, p. 76), “analfabetismo tanto de palavras quanto de números é a base das dificuldades financeiras”.

Pode-se considerar o trabalho de Christopher Aviz, realizado no ano de 2008 a partir de uma pesquisa científica com alunos de escolas públicas e privadas do Distrito Federal, objetivando investigar e comparar as percepções que essas pessoas possuíam sobre a educação no ensino médio. Os resultados obtidos mostraram que 99% dos respondentes consideram o estudo das finanças pessoais “muito importante” ou “importante”. Aproximadamente 65% da população estudada afirmaram nunca terem tido aulas que envolvessem qualquer um dos temas de educação financeira pessoal (Aviz, 2009).

Vale ressaltar que, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2013), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), indicador importante que expressa o grau de riqueza, educação e expectativa de vida de uma população, no Distrito Federal é de 0,874, tornando-o o estado com melhores condições de vida e desenvolvimento humano, ocupando o primeiro lugar no *ranking* do IDH dos estados brasileiros. No estado do Ceará, o IDH é relativamente baixo: 0,723 segundo o último relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) divulgado em 2003.

Esses resultados levam a supor que os dados obtidos com a pesquisa da qual trata este estudo trarão informações semelhantes, visto que o autor classifica a deficiência do sistema educacional como sendo conjuntural e intimamente ligada à cultura que o brasileiro herdou pós-inflação.

2.2.11 A formação para a vida financeira no ensino superior

A falta de dinheiro na vida adulta pode trazer muitos transtornos aos indivíduos. Entre os problemas mais conhecidos podem-se destacar os desentendimentos familiares ou matrimoniais e falta de dinheiro para a realização de atividades simples do cotidiano, como transporte, alimentação, entre outros. No entendimento de Sousa e Torralvo (2012), a não valorização do dinheiro é causada pela falta de educação financeira, gerando desperdícios de recursos e influenciando diretamente na vida social.

De acordo com pesquisa realizada por Lucciet *al.* (2006, p. 9):

A análise dos dados indica que o nível de conhecimento dos conceitos financeiros é diretamente proporcional ao nível de educação financeira, no que tange somente ao número de disciplinas ligadas à área de finanças cursadas na graduação. Na vida adulta o nível do conhecimento influencia na qualidade das decisões financeiras tomadas pelas pessoas.

Os adultos que melhor se preparam obtêm sucesso nos investimentos pessoais e sabem identificar as oportunidades de acordo com análise do mercado. Entre 20 e 40 anos o adulto define para si e para o mundo quem ele é. Nessa fase ocorrem namoro, casamento, nascimento dos filhos, compra do carro, da casa ou até mesmo a abertura de negócio próprio. Nesse período, tudo isso será feito, ou não. Em caso negativo, o ser humano pode arrepender-se do tempo perdido, não havendo mais como recuperar os prejuízos financeiros que teve ao longo da vida (Silva & Fossá, 2013).

Quando se conhece o funcionamento do sistema financeiro e sabe-se sobre os direitos e deveres dos cidadãos, é possível que sejam colhidas informações

confiáveis e, além disso, sejam feitas denúncias e reclamações pertinentes, havendo mais probabilidade de se protegerem, fazendo valer seus direitos (Araújo & Souza, 2012, p. 20).

O papel do consumidor bem informado é essencial na economia. Para Araújo e Souza (2012), um consumidor educado financeiramente planeja de forma adequada os seus gastos, pesquisa e compara preços para aumentar seu poder de compra, estimulando o desenvolvimento e a livre concorrência e contribuindo para controle da inflação. Órgãos como o Banco Central (BACEN) demonstram preocupação com a pulverização do conhecimento financeiro. Em 2003 foi lançado o programa de educação financeira (PEF) que objetivava disseminar o conhecimento econômico-financeiro para que a sociedade possa refletir sobre a responsabilidade de cada um no planejamento e na administração da economia.

Esse programa engloba ações como o Museu Escola (visitas ao Museu de Valores do BACEN), que atinge aproximadamente 15 mil pessoas por ano; BC Jovem (página eletrônica que fornece informações diversas sobre o mercado financeiro); Serviços *online* como calculadoras, normas, tarifas bancárias, taxas de câmbio, entre outros (Bacen, 2013).

Diferentemente do ensino médio, no ensino superior há carência de estudos voltados para a importância do “saber financeiro”, o que torna esta pesquisa importante do ponto de vista científico. Os demais estudos que abordam a importância das finanças tratam o tema com foco na vida adulta e no comportamento dos indivíduos no seu cotidiano.

Percebe-se que existe uma real necessidade de o ensino superior atuar como um complemento na formação do conhecimento financeiro dos indivíduos como acadêmicos. Muitos estudantes de cursos como Artes, Música, Biologia, etc. não recebem orientações de como administrar os recursos financeiros que irão conquistar quando deixarem a faculdade. O resultado disso são muitos profissionais bem qualificados em suas áreas, mas que não possuem capacidade para controlar as suas finanças de forma eficiente.

2.2.12 Finanças pessoais e formação de poupança

As finanças pessoais são a chave para o sucesso financeiro, sendo muito importante para os indivíduos e suas famílias, porém mal utilizadas pela maioria da população. Notadamente a administração de finanças pessoais deveria ser abordada já nas primeiras séries do ensino médio. Isso tudo é importante, porque quando se tem as finanças em ordem, é possível tomar decisões com mais convicção e enfrentar com mais segurança os imprevistos orçamentários. Martins (2004, p. 37) realça que: “[...] a incapacidade de ler e entender demonstrações financeiras é responsável por fracassos e por erros que podem ser fatais”.

Estudar finanças pessoais leva o indivíduo a aprender a aplicar conceitos e técnicas essenciais para a existência de uma organização e gestão da renda familiar. Da mesma forma que ocorre na administração das empresas e no governo, faz-se necessário planejar e direcionar os recursos pessoais, desenvolvendo técnicas que os auxiliem a atender às diversas necessidades pessoais ou familiares.

No caso das pessoas físicas, indivíduos e famílias, não se observa um desenvolvimento correspondente de instrumentos para a lida com as condições de financiamento. Os muito ricos podem dispor de serviços profissionais tão sofisticados quanto os utilizados por empresas; os demais devem se contentar com dicas e conselhos tópicos, tomando decisões financeiras sem estarem suficientemente conscientes da lógica que rege o mundo das finanças (Pires, 2006, p. 12).

Um dos passos mais importantes para se organizar as finanças pessoais é o planejamento. Sousa e Torralvo (2012) propõem alguns princípios básicos para o planejamento das finanças, porém o mais importante é conhecer de forma eficiente as despesas e receitas. O planejamento financeiro auxilia a compreender hábitos de consumo, identificar objetivos e atingir metas. Fixar um orçamento pessoal não é fácil, mas é essencial para quem planeja o próprio futuro e o da família com qualidade e tranquilidade (Klontz & Klontz, 2011).

Dessa forma, a elaboração de uma tabela ou planilha que contenha as informações financeiras (pessoais e/ou familiares) é essencial para a conquista de um

planejamento financeiro eficiente. A essa organização de despesas e receitas dá-se o nome de orçamento financeiro, instrumento usado com sucesso nas empresas e que sem dúvidas traz grandes benefícios quando usado nas finanças pessoais.

2.2.13 Orçamento financeiro: relação receita x despesas

O orçamento é uma ferramenta que deve ser adotada independentemente de se estar ou não cursando ensino superior. É a partir dessa organização que se pode ter uma visão geral das finanças pessoais (ou da família), possibilitando programar compras, viagens e, inclusive, o ingresso no ensino superior particular. O orçamento é essencialmente um instrumento de planejamento, semestral, anual ou plurianual. Fisicamente falando, ele nada mais é do que uma planilha em que são listadas todas as receitas e despesas esperadas e previstos os valores correspondentes para cada um dos meses de um ano (supondo-se que o período escolhido seja anual) (Pires, 2006, p. 37).

Calcular o orçamento requer conhecimentos administrativos básicos de previsão, levantamento de despesas, definições de estratégias de redução de custos, entre outros. Tudo isso pode ser feito sem muito conhecimento técnico, bastando organização e dedicação (Klontz & Klontz, 2011).

Atualmente, grande parte do orçamento das famílias de renda média e baixa está comprometida com despesas que podem ser evitadas, principalmente com faturas de cartão de crédito. Saber lidar com a disponibilidade de crédito é um desafio para esse público que, na maioria dos casos, consome por impulso. Para que seja possível alcançar a situação ideal das finanças pessoais ou até mesmo superar momentos de desequilíbrio financeiro, é necessário que haja planejamento e controle do uso do dinheiro.

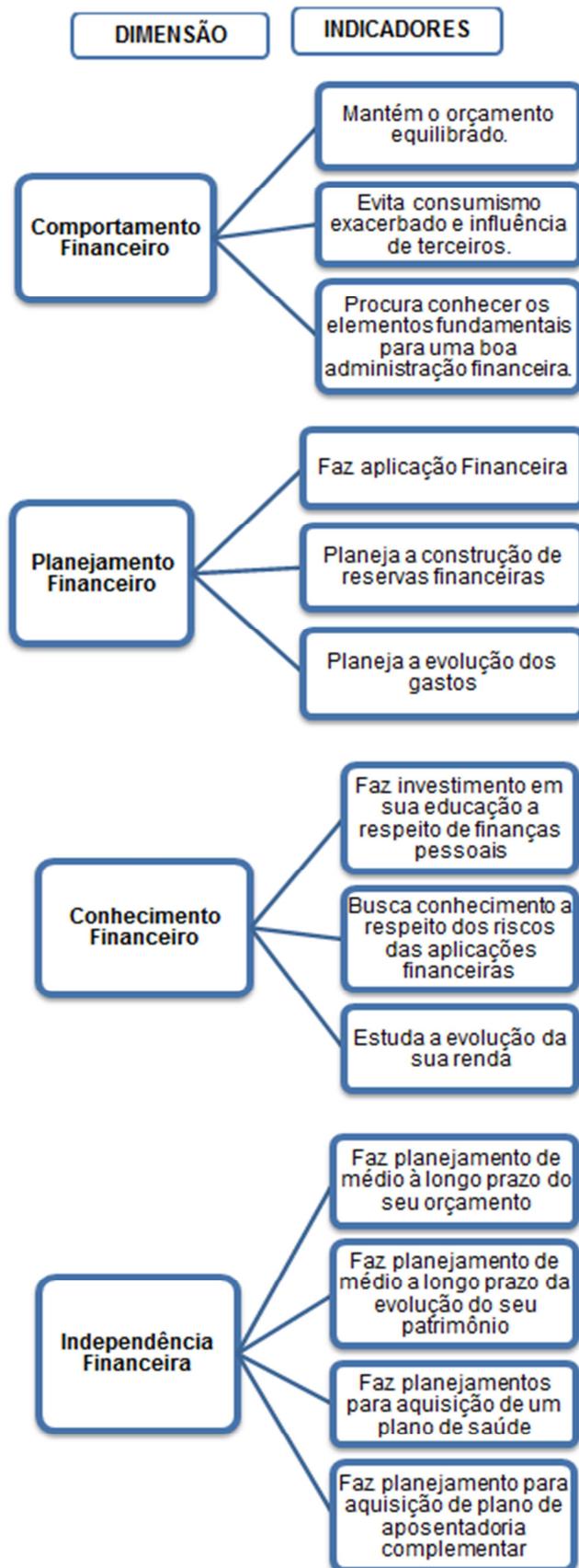
Sem ambição alguma, um orçamento servirá simplesmente para constatar em que meses haverá déficit e em quais ocorrerá superávit; será um conjunto de previsões tendo como pressuposto a passividade. O procedimento desejável é que no orçamento haja metas.

2.3 Modelo teórico-conceitual

A incursão até aqui realizada nos principais aspectos que devem nortear uma consciência financeira permitiu desenvolver um modelo para captar o nível de educação financeira adquirida pelos alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da escola pesquisada.

Fundamentalmente, o modelo da análise utilizado é constituído por quatro dimensões de uma educação financeira: comportamento financeiro, conhecimento financeiro, planejamento financeiro e independência financeira.

A natureza multifacetada de cada uma dessas dimensões exigiu o total de 13 indicadores para captá-las. A Figura 5 mostra o modelo utilizado neste estudo, sintetizando o esquema metodológico que funcionou como substrato teórico conceitual para a elaboração do questionário aplicado.

**Figura 5**

Modelo de análise da educação financeira.

Fonte: a autora.

3 Metodologia

Este capítulo detalha a sequência dos procedimentos metodológicos caracteriza a pesquisa, apresenta a unidade de análise e de observação explicita os procedimentos de coleta de dados e de análise quantitativa e qualitativa dos resultados.

3.1 Caracterização da pesquisa

A pesquisa classifica-se, quanto aos fins, como descritiva, pois permite conhecer as características da população estudada. Vergara (1998) assevera que “a pesquisa descritiva expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno”.

A pesquisa é também descritiva em função da natureza da relação das variáveis estudadas e devido aos seus objetivos, uma vez que responde a questões do tipo: quem, o que, quando e onde (Mattar, 1997).

Gil (2012) indica a pesquisa exploratória para estudos em áreas cujo tema é pouco explorado e o conhecimento pouco sistematizado. A finalidade desse tipo de pesquisa é obter mais familiarização com o tema estudado, com o intuito de esclarecê-lo e aprofundá-lo.

3.2 Unidade de análise

A pesquisa foi realizada em uma faculdade particular que oferece cursos de Administração e Ciências Contábeis, localizada em Belo Horizonte.

A escolha da área se deu devido à maior proximidade da pesquisadora com o universo, facilitando a obtenção dessas informações e também por perceber o elevado potencial deste estudo. Foi levada em consideração a importância desses resultados para a percepção dos alunos sobre o tema educação financeira.

3.3 Unidade de observação

O tema abordado neste trabalho versa sobre educação financeira. Tem como elemento de investigação a percepção dos alunos de curso de graduação em Administração e Ciências Contábeis da Faculdade do Centro Educacional Mineiro (FACEMBH).

O universo da pesquisa é representado pelos alunos do curso de Administração e Ciências Contábeis da FACEMBH que estão regularmente matriculados no 1º semestre de 2018, totalizando 300 discentes segundo consulta realizada na coordenação do curso. Para Vergara (2004), população é um conjunto de elementos (empresas, produtos, pessoas, por exemplo) que possui as características que serão o objeto de estudo.

3.4 Procedimentos de coleta de dados

Os dados utilizados na análise foram obtidos por meio de um *survey* que permite tratamento estatístico, uma vez que se utiliza de um questionário com perguntas padronizadas (Babbie, 2003; Silva & Fossá, 2013; Vieira, 2011). Os alunos foram contatados em uma sala de aula após autorização da direção da faculdade, dos professores e dos próprios entrevistados. A aplicação dos questionários se efetivou por meio dos professores, sem qualquer interferência ou participação desta pesquisadora.

3.4.1 Elaboração do questionário

O questionário aplicado para captar o nível de consciência financeira dos alunos da escola estudada foi desenvolvido com base no modelo teórico-conceitual apresentado na Figura 5 apresentada no item 3.1.

Cada uma das quatro dimensões constitutivas do modelo teórico conceitual utilizado pode ser sintetizada como se segue:

Tabela 1

Modelo de análise da pesquisa: construtos

Dimensão da Análise	Indicadores dos Construtos	Descrição dos Indicadores
Comportamento Financeiro	Mantém o orçamento equilibrado	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mecanismo para controlar os gastos economizar.
	Evita consumismo exacerbado e influência de terceiros	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Visão geral do dinheiro e negação ao consumo influenciado por outros.
	Procura conhecer os elementos fundamentais para uma boa administração financeira	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecer elementos fundamentais para planejar as suas finanças.
Planejamento financeiro	Faz aplicação financeira	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Investimento que possui uma remuneração ou um retorno de capital investido dimensionado no momento da aplicação
	Planeja a construção de reservas financeiras	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Negociações e simulações para as mais diversas operações financeiras.
Conhecimento financeiro	Planeja a evolução dos gastos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Planejar gastos para não ser surpreendido e acabar interferindo na saúde das finanças.
	Faz investimento em sua educação a respeito de finanças pessoais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fornecer informações para que realizem melhores escolhas, capazes de viabilizar o dinheiro.
	Busca conhecimento a respeito dos riscos das aplicações financeiras	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comprar de forma mais exigente e crítica.
Independência financeira	Estuda a evolução da sua renda	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Importante também saber quais gastos são indispensáveis de acordo com sua renda.
	Faz planejamento de médio a longo prazo do seu orçamento	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolvimento de um planejamento de médio ou longo prazo evita que você fique contando o dinheiro para que um período que não vai acontecer.
	Faz planejamento de médio a longo prazo da evolução do seu patrimônio	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Acompanhar a evolução do seu patrimônio a fim de saber onde está sendo aplicado o seu dinheiro.
	Faz planejamentos para aquisição de um plano de saúde	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Comportamento humano quando expostos a incerteza.
	Faz planejamento para aquisição de plano de aposentadoria complementar	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Poupar significa segurança para o futuro.

Fonte: a autora.

3.4.2 Percepção sobre comportamento financeiro

De acordo com Cerbasi (2012) as boas práticas de educação financeira devem induzir escolhas equilibradas. Isso se faz combinando referências matemáticas com práticas ambientais, sociais, filosóficas e éticas.

O planejamento financeiro retrata um comportamento financeiro que, conforme Halfeld (2007), trata-se de um planejamento pessoal que permite gerenciar o seu dinheiro de modo a atingir a satisfação pessoal.

De acordo com estudos realizados pela a OECD (2005), o comportamento financeiro está relacionado à maneira como uma pessoa se comporta e como esse comportamento terá impacto significativo sobre o seu bem-estar financeiro. O comportamento financeiro está relacionado a como as pessoas pensam antes de efetuarem uma compra, ao fato de pagarem suas contas tempestivamente de modo coerente com o orçamento e ao modo como usam a poupança e empréstimos para fazer face às despesas (OECD, 2005). Nesse sentido, Cerbasi (2012) afirma que, além do conhecimento econômico, outros fatores podem determinar o bom ou mau comportamento financeiro e, consequentemente, o maior ou menor grau de sucesso no gerenciamento do seu orçamento.

3.4.3 Percepção sobre conhecimento financeiro

O Conhecimento financeiro é a capacidade adquirida ao longo dos anos para gerir receitas, despesas e poupança de forma eficaz (Potrich, Vieira & Kirch, 2014).

O conhecimento financeiro está relacionado à compreensão de questões sobre inflação, taxa de juros, valor do dinheiro no tempo, risco, retorno, diversificação, mercado de ações, crédito e títulos públicos (Potrichet *al.*, 2014). Dessa forma, Potrichet *al.* (2014) asseveram que “o conhecimento financeiro é o foco principal da educação financeira, enquanto que a alfabetização financeira engloba, além do conhecimento, o comportamento e a atitude financeira dos indivíduos”.

3.4.4 Percepção sobre planejamento financeiro

É a maneira como se planejam as finanças para enfrentar a realidade e tornar possível alcançar os objetivos. De acordo com Kiyosaki e Lachter (2000), é necessário sempre ter um plano financeiro com objetivos realistas e acreditar nesse plano. Cometer erros faz parte do processo, mas o que se deve evitar é repetir os

mesmos erros. Deve-se aprender com eles e, com base nesse aprendizado, construir uma estratégia financeira que permita alcançar o objetivo da via idealizado.

3.4.5 Percepção sobre independência financeira

Acerca da independência financeira, Segundo Filho (2003, p. 28) faz uma importante consideração: a independência financeira não se constrói do dia para a noite. É necessário começar a poupar o mais cedo possível, pois poupança se constrói ao longo de vários anos, mediante planejamento financeiro bem estruturado e correta administração do dinheiro.

Conforme Cerbasi (2012), o investimento é o aumento de sua riqueza. Destinar parte do que se ganha para gerar um capital futuro é gerar riqueza. Abrir um negócio próprio, investir em um fundo de previdência, comprar e vender bens são formas de investimento que, se bem aplicados, poderão render benefícios futuros e, consequentemente, contribuir para que o sujeito conquiste a independência financeira pessoal e profissional. Halfeld (2007) estabelece 10 passos para atingir a independência financeira:

- a) Primeiro passo: ganhar mais dinheiro. Se você for um empresário, dê mais valor e atenção aos seus clientes, crie estratégias de chamar a atenção de forma que, aos olhos deles, aquele produto ou serviço seja uma utilidade pessoal e que se sintam gratificados por serem lembrados;
- b) segundo passo: poupar. É imprescindível gastar menos do que se ganha. Caso não estiver fazendo isso, pare imediatamente e comece a anotar seus gastos, eliminando despesas desnecessárias;
- c) terceiro passo: não faça dívidas. Após conseguir ter feito o segundo passo, utilize os recursos que você poupa para pagar suas dívidas;
- d) quarto passo: faça o investimento correto. Utilize a mágica dos cálculos financeiros e invista 10% de seus rendimentos em longo prazo;
- e) quinto passo: casa própria. Compre ou construa uma casa à vista. Fuja dos juros, alugue uma casa simples sem luxos, more nela por um tempo e, durante esse tempo, poupe dinheiro para comprar sua casa. Não há motivos para ter pressa, apenas tenha calma;

- f) sexto passo: faça seguro de vida e seguro de saúde. O seguro de vida trará segurança financeira para sua família, caso algum acidente pessoal aconteça com você;
- g) sétimo passo: recompense-se. Traçar todos os passos anteriores até aqui não é tarefa fácil;
- h) oitavo passo: educar-se financeiramente. Busque conhecer mais sobre Finanças, Contabilidade, Economia e Direito. Esses são conhecimentos que lhe ajudarão muito no trajeto profissional e pessoal;
- i) nono passo: se precisar, peça ajuda a um *personal advisor*. No Brasil, esse profissional não é muito conhecido como nos Estados Unidos. Trata-se de um especialista que pode ajudar a atingir as metas financeiras e ensinar a maneira mais apropriada de lidar com o dinheiro, para que os objetivos possam ser alcançados. No Brasil é conhecido como um consultor financeiro;
- j) décimo passo: seu dinheiro é apenas um meio, não o fim. Valorize sempre seus amigos e familiares.

3.4.6 Pré-teste do questionário

Ramalho (2006) recomenda que é prudente que um questionário, após concluído, não seja dado como definitivo para sua aplicação. Para o autor, recomenda-se que se faça o pré-teste no campo de pesquisa para garantir que o instrumento de análise será efetivamente capaz de fornecer os dados para alcançar de forma adequada o estudo em questão. Em contrapartida, o pré-teste possibilita a identificação de possíveis erros que venham comprometer o resultado esperado. Assim, depois de elaborado, o questionário passou pela fase do pré-teste mediante aplicação prévia a uma amostra de 30 alunos dos cursos de graduação em Administração e Ciências Contábeis da Faculdade do Centro Educacional Mineiro (FACEMBH).

Por meio do pré-teste, foram identificados problemas de interpretação e compreensão quanto às informações elaboradas em duas questões do questionário: quando citava a questão que utilizou as expressões “consumo exacerbado” e “indicadores econômicos”. Na concepção dos respondentes, existe uma ambiguidade na interpretação das expressões utilizadas a fim de mensurar a percepção dos alunos sobre o tema educação financeira. Após a identificação

dessa dificuldade de interpretação e compreensão, decidiu-se solicitar a informação de modo diferente: “consumo exagerado” e “indicadores que possam equilibrar suas finanças pessoais”.

Assim, considerando a explicação dada e o entendimento correto dos entrevistados, as afirmativas foram reelaboradas, pois o objetivo é viabilizar o processo da entrevista sem a intervenção da pesquisadora e sem comprometer o resultado da pesquisa.

4 Análise dos Resultados

O primeiro objetivo específico foi atendido, mediante a apresentação de um modelo teórico-conceitual extraído do referencial teórico utilizado e constituído por quatro dimensões e 13 indicadores, como mostra a Figura 6:

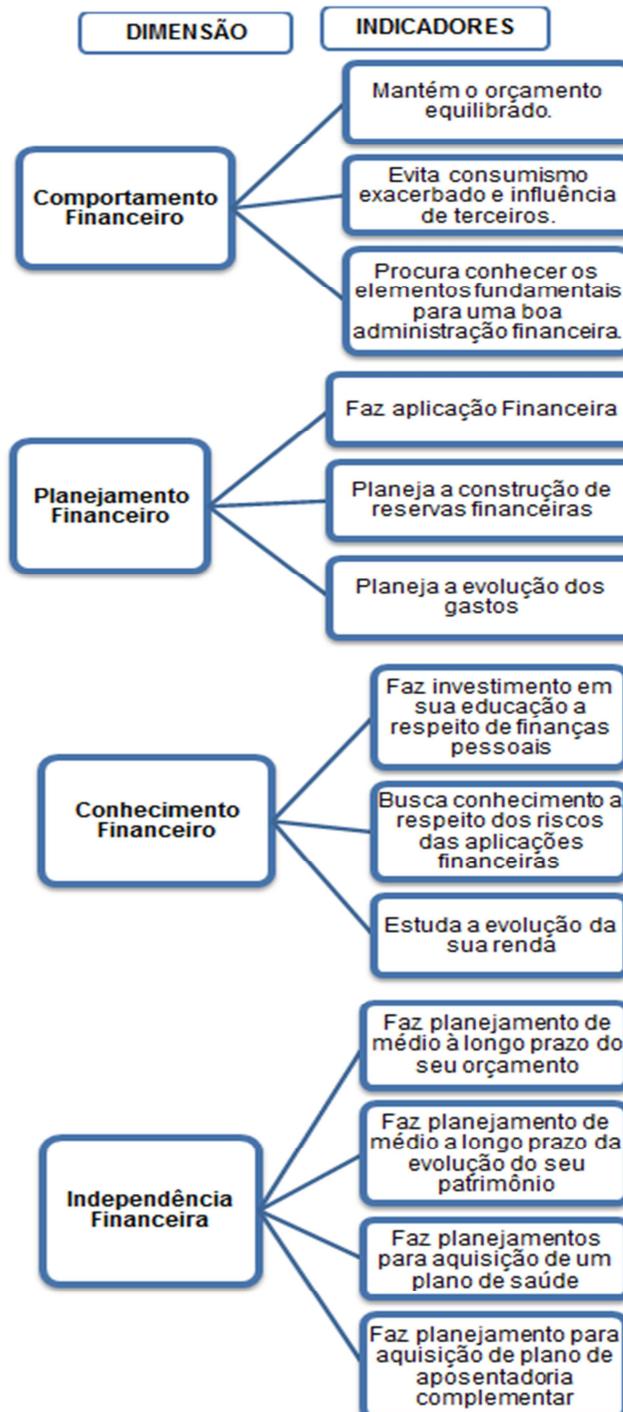


Figura 6

Modelo de análise da educação financeira
Fonte: a autora.

4.1 Tratamento e análise estatística dos dados

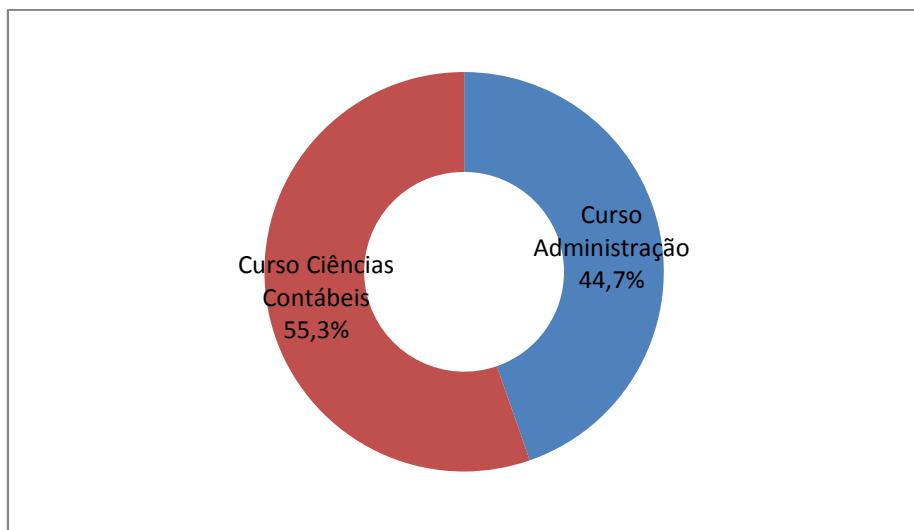
Os dados quantitativos foram tabulados mediante utilização dos softwares *Statistical Package for Social Science* (SPSS) e *Excel*. Inicialmente examinou-se o perfil da amostra utilizada mediante uma distribuição em frequência dos públicos escalonados, ou seja, dos discentes da instituição pesquisada. Adicionalmente examinou-se a consistência interna da escala do questionário construído a partir do modelo teórico utilizado nesta dissertação para os discentes. Nesse caso, o que se fez foi examinar a intensidade das correlações entre os indicadores dos construtos, o que permitiu verificar a confiabilidade da escala por meio do coeficiente alfa de Cronbach (α), como é amplamente conhecido (Chonbach, 1951).

Em terceiro lugar, utilizou-se o teste não paramétrico de Friedman, objetivando proceder a uma comparação entre os indicadores correspondentes aos construtos que caracterizam uma educação financeira na opinião dos discentes (Spector, 1992). Finalmente, testou-se a existência de uma diferença estatisticamente significativa entre os dois públicos examinados (Ciências Contábeis e Administração) em relação aos quatro construtos (dimensões) que, em conjunto, caracterizam a educação financeira dos alunos.

O modelo utilizado para medir a educação financeira teve como base uma escala de cinco pontos, na qual: 1- discordo totalmente; 2- discordo; 3- não concordo nem discordo; 4- concordo e 5- concordo totalmente. Com isso, considera-se que, em uma análise de frequência, índices iguais ou superiores a quatro remetem a uma concordância em relação ao indicador, enquanto índices iguais ou superiores a dois remetem a uma discordância em relação ao indicador.

4.1.1 Perfil da amostra utilizada

Integra esta pesquisa uma amostra de 300 entrevistados, constituída por 166 discentes cursando Ciências Contábeis (55,3%) e por 134 discentes cursando Administração (44,7%) (Figura 7).

**Figura 7**

Distribuição da amostra segundo o curso de pesquisados.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Em termos do período cursado, o maior percentual dos discentes cursando Administração está no 5º período (29,9 %). Compõem o percentual restante 22,4% de discentes no 2º período e 17,2% de discentes no 1º período. Para os discentes cursando Ciências Contábeis, o maior percentual está no 4º, 5º e 7º períodos (24,1% cada) (Tabela 2).

Tabela 2

Distribuição da amostra segundo a faixa etária dos pesquisados

Período	Grupo		
	Curso de Administração	Curso de Ciências Contábeis	
1º Período	23	17,2%	0
2º Período	30	22,4%	0
3º Período	0	0,0%	21
4º Período	0	0,0%	40
5º Período	40	29,9%	40
6º Período	20	14,9%	25
7º Período	21	15,7%	0
8º Período	0	0,0%	40
Total	134	100,0%	166
			100,0%

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

4.1.2 Análise de consistência da escala utilizada

A análise da fidedignidade da escala do questionário para cada um dos quatro construtos (ou dimensões) que, em conjunto, representam a percepção sobre educação financeira, de acordo com o modelo utilizado nesta dissertação, foi realizada por meio da utilização do coeficiente alfa de Cronbach (α), largamente utilizado pela academia (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

A Tabela 3 apresenta uma síntese dos dados obtidos com a amostra dos discentes. Os valores encontrados mostram que o instrumento de medida utilizado (questionário) é confiável em duas dimensões (conhecimento financeiro e independência financeira), uma vez que, para pesquisas exploratórias, o valor mínimo sugerido para o α é de 0,60 (Hair *et al.*, 2005). Uma análise ainda mais detalhada mostra que apenas um dos indicadores - compromete sua renda totalmente no período de 30 dias - poderia ser questionável na composição do construto comportamento financeiro. Portanto, sua exclusão melhoraria de modo significativo a consistência da escala, pois elevaria o coeficiente alfa de Cronbach de 0,033 para 0,235. Desse modo, optou-se por excluí-lo em face do ganho na correlação dos demais indicadores nesse construto.

Essa síntese mostra como foi alcançado o segundo objetivo específico, que foi analisar a confiabilidade da escala do questionário referente aos construtos que compõem o modelo utilizado nesta pesquisa.

Tabela 3

Dimensões iniciais da pesquisa para discentes

Dimensões	Variáveis	Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach se Item deletado
Comportamento financeiro	Compromete sua renda totalmente no período de 30 dias.		,235*
	Apresenta distúrbios financeiros por influência de terceiros com consumo exagerado	0,033	-,079
	Houve situação em que a análise de indicadores financeiros colaborou para uma boa administração de suas finanças		-,072 ^a
Planejamento financeiro	Conhece vários tipos de investimento		,468
	Analisou a variação salarial vigente no país nos três últimos anos, afim de alcançar uma reserva financeira	0,443	,363

	É importante ter conhecimentos e controle das suas finanças pessoais		,180
	Conhece sobre indicadores que possam equilibrar suas finanças pessoais		,501
Conhecimento financeiro	Em relação à educação financeira, seu curso colabora para seu conhecimento em finanças pessoais	0,649	,590
	Produzir relatórios de gastos permite dimensionar os custos e o aporte dos recursos financeiros que você tem		,556
Independência financeira	Faz projeção dos seus gastos para cumprí-los É necessário ter uma disciplina específica sobre finanças e controle pessoal no seu curso	0,601	,694 ,431
	Tem se preparado para sua aposentadoria Costuma planejar seu orçamento financeiro incluindo plano de saúde		,438 ,508

* Optou-se por retirar o item. Questão 1 e 2 do questionário foram invertidas.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

4.1.3 Análise da importância dos indicadores referentes às dimensões da educação financeira

Nesse caso, utilizou-se o teste não paramétrico de Friedman, que permite a comparação de dados amostrais relacionados e obtidos mediante uma atribuição de postos, como ocorre na escala *Likert* utilizada nesta dissertação (Spector, 1992). Na aplicação desse tipo de teste, o mesmo respondente fornece mais de uma informação que, no presente caso, refere-se aos escores atribuídos a cada indicador.

Inicialmente, por meio do teste de Friedman, verificou-se se há diferença significativa entre os construtos que retratam a educação financeira e também se essa diferença existe entre os indicadores ao considerar cada construto individualmente. Quando a hipótese básica – *não há diferença significativa entre os construtos ou entre os indicadores de um mesmo construto* – é rejeitada, procede-se, ainda, ao teste de comparações múltiplas para identificar as diferenças entre pares de construtos ou de indicadores.

As Tabelas de 4 a 8 demonstram os resultados fornecidos pelo pacote estatístico SPSS. Comparando-se a probabilidade de significância calculada (p-valor) com um nível de significância de 5% ou até mesmo de 1%, foram obtidas as seguintes conclusões:

- a) O construto que menos impacta a percepção sobre educação financeira na visão do discente é o planejamento financeiro (Tabela 4), já os demais foram considerados iguais entre si;
- b) o construto comportamento financeiro é mais impactado pelo indicador - *houve situação em que a análise de indicadores financeiros colaborou para uma boa administração de suas finanças* (Tabela 5) na visão do discente;
- c) o construto planejamento financeiro é mais impactado pelo indicador na visão do discente - é *importante ter conhecimentos e controle das suas finanças pessoais* (Tabela 6);
- d) o construto independência financeira é composto por indicadores que não apresentam impactos estatisticamente diferenciados, pois a probabilidade de significância calculada é superior ao nível de significância de 1% ou até mesmo 5% (Tabela 7);
- e) o construto conhecimento financeiro é menos impactado pelo indicador - *produzir relatórios de gastos permite dimensionar os custos e o aporte dos recursos financeiros que você tem* (Tabela 8)

A análise procedente atende ao terceiro objetivo específico desta dissertação, que foi identificar os impactos dos indicadores sobre os construtos do modelo teórico utilizado, mostrando quais são os atributos de percepção sobre educação financeira mais importantes.

Tabela 4

Caracterização dos discentes segundo os quatro construtos sobre a percepção na educação financeira

Construtos sobre Educação Financeira	Medidas Descritivas						P-valor	Conclusão
	Média	DP	P25	Mediana	P75			
Conhecimento financeiro	3,89	1,09	3,00	4,33	5,00			
Independência financeira	3,88	1,01	3,50	4,13	4,75	p<0,001**	ConF=InF=Comp	
Comport. financeiro	3,75	1,11	3,00	4,00	4,50			Finan>PlanF
Planejamento financeiro	3,49	1,15	3,00	3,67	4,33			

Nota: – As probabilidades de significância (p-valor) referem-se ao teste de Friedman; os valores de p-valor em negrito indicam diferenças significativas; os resultados significativos foram identificados com

asteriscos, de acordo com o nível de significância, a saber: p-valor < 0,01** (nível de confiança de 99,0%).

DP: desvio-padrão; P: percentil.

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 5

Caracterização dos discentes segundo os indicadores de comportamento financeiro

Comportamento Financeiro	Medidas Descritivas						P-valor	Conclusão
	Média	DP	P25	Mediana	P75			
1-Houve situação em que a análise de indicadores financeiros colaborou para uma boa administração de suas finanças	3,92	1,17	3,00	4,00	5,00		p<0,001**	1>2
2-Apresenta distúrbios financeiros por influência de terceiros com consumo exagerado	3,60	1,27	2,00	5,00	5,00			

A questão 2 do questionário foi invertida.

Nota: as probabilidades de significância (p-valor) referem-se ao teste de Friedman; os valores de p-valor em negrito indicam diferenças significativas; os resultados significativos foram identificados com asteriscos, de acordo com o nível de significância, a saber: p-valor < 0,01** (nível de confiança de 99,0%).

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 6

Caracterização dos docentes segundo os indicadores de planejamento financeiro

Planejamento Financeiro	Medidas Descritivas						P-valor	Conclusão
	Média	DP	P25	Mediana	P75			
1-É importante ter conhecimentos e controle das suas finanças pessoais	3,74	1,64	3,00	5,00	5,00			
2-Analisou a variação salarial vigente no país nos três últimos anos, afim de alcançar uma reserva financeira	3,43	1,56	2,00	4,00	5,00	p<0,001**	1>2=3	
3-Conhece vários tipos de investimento	3,28	1,76	1,00	4,00	5,00			

Nota: as probabilidades de significância (p-valor) referem-se ao teste de Friedman; os valores de p-valor em negrito indicam diferenças significativas; os resultados significativos foram identificados com asteriscos, pelo nível de significância, a saber: p-valor < 0,01** (nível de confiança de 99,0%).

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 7

Caracterização dos docentes segundo os indicadores de independência financeira

Independência Financeira	Medidas Descritivas						P-valor	Conclusão
	Média	DP	P25	Mediana	P75			
1-Faz projeção dos seus gastos para cumpri-los	3,81	1,48	3,00	4,00	5,00			
2-É necessário ter uma disciplina específica sobre finanças e controle pessoal no seu curso	3,89	1,56	3,00	5,00	5,00		0,052	iguais
3-Tem se preparado para sua aposentadoria	3,99	1,40	4,00	5,00	5,00			

4-Costuma planejar seu orçamento financeiro incluindo plano de saúde	3,83	1,57	3,00	5,00	5,00
--	------	------	------	------	------

Nota: as probabilidades de significância (p-valor) referem-se ao teste de Friedman; os valores de p-valor em negrito indicam diferenças significativas; os resultados significativos foram identificados com asteriscos, de acordo com o nível de significância, a saber: p-valor < 0,01** (nível de confiança de 99,0%).

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Tabela 8

Caracterização dos discentes segundo os indicadores de conhecimento financeiro

Conhecimento Financeiro	Medidas Descritivas						P-valor	Conclusão
	Média	DP	P25	Mediana	P75			
1-Em relação à educação financeira, seu curso colabora para seu conhecimento em finanças pessoais	4,02	1,19	4,00	4,00	5,00			
2-Conhece sobre indicadores que possam equilibrar suas finanças pessoais	3,95	1,44	4,00	5,00	5,00	p<0,001**	1=2>3	
3-Produzir relatórios de gastos permite dimensionar os custos e o aporte dos recursos financeiros que você tem	3,70	1,61	3,00	5,00	5,00			

Nota: as probabilidades de significância (p-valor) referem-se ao teste de Friedman; os valores de p-valor em negrito indicam diferenças significativas; os resultados significativos foram identificados com asteriscos, de acordo com o nível de significância, a saber: p-valor < 0,01** (nível de confiança de 99,0%).

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

4.1.4 Comparação entre os cursos em relação às dimensões que caracterizam uma educação financeira

Neste item, procedeu-se a um teste de diferença de médias para permitir a comparação entre os resultados referentes às percepções apresentadas pelas duas categorias de entrevistados na instituição. Nesse caso, compararam-se as percepções considerando-se inicialmente cada um das quatro dimensões que compõem a percepção de educação financeira, de acordo com o modelo teórico utilizado (Tabela 9).

Tabela 9

Avaliação dos escores referentes aos construtos sobre a percepção de educação financeira por curso

Constructos (dimensões)	Curso	N	Média	DP	P-valor
Comportamento financeiro	C. Contábeis	166	3,84	1,01	,140

	Administração	134	3,65	1,20	
Planejamento financeiro	C. Contábeis	166	3,64	1,08	,010**
	Administração	134	3,30	1,20	
Conhecimento financeiro	C. Contábeis	166	4,08	0,93	,001**
	Administração	134	3,65	1,22	
Independência financeira	C. Contábeis	166	3,92	0,98	,446
	Administração	134	3,83	1,05	

Nota: as probabilidades de significância (p-valor) referem-se ao teste t para amostras independentes; os valores de p-valor em negrito indicam diferenças significativas; os resultados significativos foram identificados com asteriscos, de acordo com o nível de significância, a saber: p-valor < 0,01** (nível de confiança de 99%) e p-valor < 0,05 * (nível de confiança de 95%).

Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Na sequência, o mesmo tipo de teste foi utilizado para uma comparação entre as duas categorias de cursos, considerando cada um dos 13 indicadores. Cada indicador aqui mencionado corresponde a uma assertiva do questionário, como mostra a Tabela 10.

Tabela 10

Avaliação dos escores referentes aos indicadores sobre a percepção de educação financeira por curso

Indicadores (atributos)	Curso	N	Média	D.P	P-valor
Apresenta distúrbios financeiros por influência de terceiros com consumo exagerado	C. Contábeis Administração	166 134	3,60 3,60	1,73 1,73	,998
Houve situação em que a análise de indicadores financeiros colaborou para uma boa administração de suas finanças.	C. Contábeis Administração	166 134	4,09 3,71	1,02 1,29	,005**
Analisa a variação salarial vigente no país nos três últimos anos, afim de alcançar uma reserva financeira.	C. Contábeis Administração	166 134	3,57 3,27	1,35 1,76	,100
Conhece vários tipos de Investimento	C. Contábeis Administração	166 134	3,43 3,10	1,67 1,85	,100
É importante ter conhecimentos e controle das suas finanças pessoais.	C. Contábeis Administração	166 134	3,80 3,87	1,60 1,52	,724
Conhece sobre indicadores que possam equilibrar suas finanças pessoais.	C. Contábeis Administração	166 133	4,19 3,65	1,17 1,67	,001**
Em relação à educação financeira, seu curso colabora para seu conhecimento em finanças pessoais.	C. Contábeis Administração	166 134	4,27 3,71	,943 1,38	,000**
Producir relatórios de gastos permite dimensionar os custos e o aporte dos recursos financeiros que você tem.	C. Contábeis Administração	166 134	3,78 3,60	1,46 1,76	,319
Faz projeção dos seus gastos para cumpri-los	C. Contábeis Administração	166 134	3,92 3,68	1,39 1,57	,170
É necessário ter uma disciplina específica sobre finanças e controle pessoal no seu curso.	C. Contábeis Administração	166 133	3,89 3,90	1,63 1,47	,927
Tem se preparado para sua aposentadoria.	C. Contábeis Administração	166 134	4,08 3,87	1,44 1,34	,207
Costuma planejar seu orçamento financeiro incluindo plano de saúde	C. Contábeis Administração	166 134	3,80 3,87	1,604 1,526	,724

Nota: as probabilidades de significância (p-valor) referem-se ao teste t para amostras independentes; os valores de p-valor em negrito indicam diferenças significativas; os resultados significativos foram identificados com asteriscos, de acordo com o nível de significância, a saber: p-valor < 0,01** (nível de confiança de 99%) e p-valor < 0,05 * (nível de confiança de 95%).

Fonte: dados da pesquisa, 2018..

A amostra utilizada apresentou evidência a favor da existência de diferenças estatisticamente significativas entre as percepções dos dois tipos de cursos para apenas os construtos planejamento financeiro e conhecimento financeiro. Além disso, os resultados mostraram haver maior índice de concordância com a afirmação proposta pelos constructos planejamento e conhecimento financeiro por parte dos discentes que cursam ciências contábeis (Tabela 9).

Procedeu-se, finalmente, utilizando-se o mesmo tipo de teste, uma comparação entre os dois grupos de cursos, considerando-se cada um dos 13 indicadores para captar a percepção de educação financeira. Nesse caso, os resultados indicaram diferença estatisticamente significativa para três desses indicadores (p-valor inferior a 5% na Tabela 10). Entre estes, conforme se pode observar nessa Tabela 10, os discentes do curso de Ciências Contábeis tenderam a “concordar” mais com as afirmações propostas pela pesquisa do que o fazem os discentes do curso de Administração. No entanto, os dois públicos ainda apresentam percepções parcialmente favoráveis à educação financeira, com índices, em sua maioria, acima de 3,5%.

O quarto e último objetivo de pesquisa foi, assim, alcançado, mediante os testes sobre a existência de uma possível diferença entre as percepções dos dois grupos de discentes. Cumpriu-se, portanto, o objetivo de comparar os resultados encontrados entre os dois cursos pesquisados.

5 Considerações Finais

O foco desta dissertação foi preencher a lacuna representada pela falta de estudo sistematizado a respeito da consciência financeira dos alunos dos cursos de Administração e Ciências Contábeis da Faculdade do Centro Educacional Mineiro (FACEMBH). Nesse sentido, desenvolveu-se estudo exploratório e descritivo utilizando-se um modelo teórico-conceitual extraído da literatura concernente ao tema.

Atendendo ao primeiro objetivo específico, desenvolveu-se um modelo de análise constituído de quatro dimensões e 13 indicadores.

A fidedignidade da escala utilizada no questionário para a coleta dos dados foi devidamente testada mediante a utilização do coeficiente alfa de Cronbach, mostrando haver necessidade de se trabalhar melhor os indicadores referentes à dimensão comportamento financeiro.

Um terceiro aspecto revelado pelo estudo foi que as dimensões conhecimento financeiro, comportamento financeiro e independência financeira têm impacto semelhante sobre a consciência financeira, enquanto que o planejamento financeiro representa a dimensão menos impactante.

Finalmente, comparou-se a consciência financeira dos alunos do curso de Ciências Contábeis, concluindo-se que os alunos de Ciências Contábeis tem mais consciência financeira quando se consideram as dimensões planejamento financeiro e conhecimento financeiro. Por outro lado, os alunos de ambos os cursos mostram igual consciência financeira em relação às dimensões comportamento financeiro e independência financeira.

As considerações anteriores permitem concluir que o estudo responde à pergunta de partida a respeito do nível de consciência financeira alcançado pelos alunos do curso de graduação em Administração e Ciências Contábeis da FACEMBH.

A natureza exploratória do estudo sugere que o modelo teórico-conceitual desenvolvido e utilizado neste estudo necessita ser aperfeiçoado em pesquisas posteriores, para assegurar mais robustez na captação da consciência financeira dos alunos daquela escola.

Referências

- Araújo, F. A. L., & Souza, M. A. P. (2012, jun.). *Educação financeira para um Brasil sustentável: evidências da necessidade de atuação do Banco Central do Brasil em educação financeira para o cumprimento de sua missão.* (n. 280, p. 1-52). BACEN, Trabalhos para Discussão, Brasília.
- Aviz, C. (2009). *Demandas de educação financeira pessoal no ensino médio público e privado do Distrito Federal.* Brasília: UNB.
- Babbie, E. (2003). *Métodos de pesquisas de survey.* Belo Horizonte: UFMG.
- Bacen. Banco Central do Brasil. (2013). *Caderno de educação financeira: gestão de finanças pessoais.* Brasília: BCB. Recuperado de: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf>.
- Blanco, S. (2015). *Planejamento financeiro.* Recuperado de: <<https://oramamedia.s3.amazonaws.com/ebooks/eBook-%C3%93rama-PlanejamentoFinanceiro.pdf?Signature=rCqUR5LHUqCcGRbQJwzwn8nixCE%3D&Expires=1421756856&AWSAccessKeyId=AKIAJXMGUZZTIYDQOCDQ>>.
- Brasil. (2010). Ministério da Educação. *Decreto n.º 7.397, de 22 de dezembro de 2010.* Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências. Recuperado de: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm>.
- Brasil. (1999). Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares (PCN) – Ensino Médio.* Brasília: ME.
- Caldas, S. (2011, out.). *Pais e mães enfrentam o consumismo infantil no dia das crianças.* Recuperado de: <<http://www.ecodesenvolvimento.org.br/posts/2011/outubro/pais-e-maes-enfrentam-o-consumismo-infantil-no-dia>>.
- Cantelli, V. B. (2010). *Procedimentos utilizados pelas famílias na educação econômica de seus filhos.* Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.
- Cerbasi, G. (2012). *A complexa educação financeira.* Recuperado de: <<http://www.maisdinheiro.com.br/artigos/4/91/a-complexa-educacao-financeira>>.
- Cherobim, A. P. M. S., & Espejo, M. M. S. B. (Orgs). (2010). *Finanças pessoais: conhecer para enriquecer!.* São Paulo: Atlas.
- Clark, R.L. (2004). *The economics of an aging society.* Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Coelho, J. (2010). *Contabilidade doméstica: orçamento familiar.* São José. Recuperado de: <http://usj.edu.br/wp-content/uploads/2015/07/TCC-JOICE-COELHO2.pdf>.

- Cronbach, J. L. (1951, Sep.). Coefficient alpha and the internal structure of tests. *Psychometrika*, 16(3), 297-334.
- D'Aquino, C. (2007). *Educação financeira: como educar seu filho*. (1. ed., São Paulo: campus.
- D'Aquino, C. (2008a). *Ganhei um dinheirinho*. São Paulo: Moderna.
- D'Aquino, C. (2008b). *Educação financeira: como educar seu filho*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- D'Aquino, C. (2012). *Educação financeira infantil Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva*. Entrevista concedida a Débora Patrícia de Souza.
- Denegri, M., Toro, G.M., & Lopez, S.E. (2007). La comprensión Del funcionamiento bancario em adolescentes chilenos: um estúdio de psicología económica. *Revista Interdisciplinaria*.
- Descouvières, C., Altschwager, A, Fernández, C., Iménez, M. L., Kreiter, J., Macuer, C., & Villegas, C. (coord.). (1998). *Psicología Económica: temas escogidos*. Santiago de Chile: Universitaria.
- Eker, T. H. (2006). *Os segredos da mente milionária: aprenda a enriquecer mudando seus conceitos sobre dinheiro e adotando os hábitos das pessoas bem-sucedidas*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Estratégia Nacional de Educação Financeira. (2011). *Plano Diretor da ENEF*. Anexos. Recuperado de: http://www.vidaedinheiro.gov.br/docs/Plano_DiretorENEF1.pdf.
- FecomércioMG – Federação do Comércio de Minas Gerais – Recuperado de: <http://www.fecomerciomg.org.br/wp-content/uploads/2018/06/05.2018-Peic-BH.pdf>.
- Ferreira, R. (2006). *Como planejar, organizar e controlar o seu dinheiro: manual de finanças pessoais*. São Paulo: IOB Thomson.
- Ferreira, V. R. M. (2008). *Psicología económica: estudio do comportamento económico e da tomada de decisão*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Fundação Procon-SP. (2010). *Cadastro de Reclamações Fundamentadas 2010*. Recuperado de: http://www.procon.sp.gov.br/pdf/acs_ranking_2010.pdf.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5. ed.) São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2012). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6. ed.). São Paulo: Atlas.
- Gitman, L. J. (1997). *Princípios de administração financeira*. (Título original: Principles of Managerial Finance). Tradução de Jean Jacques Salim, João Carlos Douat. São Paulo: Harbra.

- Gitman, L. J. (2002) *Princípios de administração financeira*. (7. ed.). São Paulo: Harbra.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C (2005). *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Halfeld, M. (2007). *Investimentos: como administrar melhor o seu dinheiro*. (1. ed.). São Paulo: Fundamento Educacional
- Hill, N. (2009). *Quem pensa enriquece*. São Paulo: Fundamento Educacional.
- Hoji, M. (2011). *Administração financeira na prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal*. (3. ed.). São Paulo: Atlas.
- Hoji, M. (2001). *Administração financeira: uma abordagem prática*. (3. ed.). São Paulo: Atlas.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). *Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF). 2008-2009*. Recuperado de: <http://www.ibge.gov.br/home/xml/pof_2008_2009.shtml>.
- IEF. Instituto de Estudos Financeiros. (2016). *Planejamento financeiro familiar*. <https://blog.rico.com.br/planejamento-financeiro-familiar> Acesso em: 09/06/2017.
- InfoPessoal. (2007). *Educação financeira para os filhos*. Recuperado de: http://www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/_HOME_OUTRAS_1601000.shtml.
- IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2013). *Novo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*. Recuperado de: <http://www.dhnet.org.br/dados/idh/idh/idh_estados_br.pdf>.
- Jornal Extra. (2017). *Pesquisas mostram perfil dos endividados brasileiros, que não estão conseguindo quitar seus débitos*. Recuperado de: <<http://extra.globo.com/noticias/economia/pesquisas-mostram-perfil-dosendividados-brasileiros-que-nao-estao-conseguindo-quitar-seus-debitos-13502421.html>>.
- Kiyosaki, R. T., & Lechter, S. L. (2000). *Pai rico, pai pobre: o que os ricos ensinam a seus filhos sobre dinheiro*. (66. ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Klontz, B., & Klontz, T. (2011). *A mente acima do dinheiro: O impacto das emoções em sua vida financeira*. Osasco: Novo Século.
- Lakatos, E. M. (1979). *O trabalho temporário: nova forma de relações sociais no trabalho*. Tese (Livre-docência em Administração) - Escola de Sociologia e Política de São Paulo, (2 v.).
- Lucci, C. R, Zerrenner, S. A., Verrone, M. A. G., & Santos, S. P. (2006). A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimentos dos indivíduos. *Anais do IX SEMEAD – USP*, São Paulo.

- Luquet, M., & Assef, A. (2007). *20 lições essenciais para ter as contas em dia*. (102 p.). São Paulo: Saraiva.
- Marchetti, R. (2011, maio). *Educação financeira nas escolas já mostra resultados e pode ajudar no combate à inflação*. Agência Brasil de Comunicação. Recuperado de: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-0509/educacao-financeira-nas-escolas-ja-mostra-resultados-e-pode-ajudar-nocombate-inflacao>>.
- Martins, J. P. (2004). *Educação financeira ao alcance de todos: adquirindo conhecimentos financeiros em linguagem simples*. São Paulo: Fundamento Educacional.
- Mattar, F. N. (1997). *Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento*. São Paulo: Atlas.
- Mayer, N. P. (1972). *Guia de Trabalho-MEP*. Taubaté.
- Melo-Silva, L. L. (2011). Intervenção e avaliação em orientação profissional e de carreira. In: M. A. Ribeiro & L. L. Melo-Silva (Orgs.). *Compêndio de orientação profissional e de carreira: enfoques contemporâneos e modelos de intervenção* (Vol. 2). São Paulo: Votor
- Minhas Economias. (2015). *Introdução à educação financeira*. Recuperado de: <<http://www.minhaseconomias.com.br/educacao-financeira>>.
- Modernell, A. (2012). *Afinal, o que é educação financeira?* Recuperado de: <http://www.maisativos.com.br/site/artigo-afinal-o-que-e-educacao-financeira/>.
- Moscovici, S. (1990). *A máquina de fazer deuses*. Rio de Janeiro: Imago.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da Psicanálise*. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- Najberg, S., & Ikeda, M. (1999). *Previdência no Brasil: desafios e limites*. Publicações BNDES. Recuperado de: <http://www.bnDES.gov.br/SiteBNDES/bnDES_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Previdencia_Social/199910_10.html>.
- OCDE. Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico. (2005). *Recommendation on principles and good practices for financial education and a wareness*. Recuperado de: <<http://www.oecd.org/finance/financialeducation/35108560.pdf>>.
- Pereira, R. P. (2011, maio). *O aumento da inadimplência no Brasil: sobram desejos e falta educação financeira*. Recuperado de: economicas.blog.br/educacao-financeira-na-briga-contra-inadimplencia.
- Peretti, L. C. (2007). Aprenda a cuidar do seu dinheiro. (1. ed.) *Dois Vizinhos*, PR. Impressul.

- Perissé, G. (2014). *Formação integral: educação financeira como tema transversal.* (1. ed.). São Paulo: DSOP.
- Pinheiro, R. P. (2008). *Educação financeira e previdenciária: a nova fronteira dos fundos de pensão.* Recuperado de: www.previdencia.gov.br/arquivos/office/3_090420-113416-244.pdf.
- Pires, V. (2006). *Finanças pessoais: fundamentos e dicas.* Piracicaba: Equilíbrio.
- Potrich, A. C. G., Vieira, K. M., & Kirch, G. (2014). Você é alfabetizado financeiramente? Descubra no termômetro de alfabetização financeira. *Anais do Encontro Brasileiro de Economia e Finanças Comportamentais*, 01, São Paulo. Recuperado de: <[http://cef.fgv.br/sites/cef.fgv.br/files/\[Mendes%20et%20al\]%20VOCE%20E%20ALFABETIZADO%20FINANCEIRAMENTE.pdf](http://cef.fgv.br/sites/cef.fgv.br/files/[Mendes%20et%20al]%20VOCE%20E%20ALFABETIZADO%20FINANCEIRAMENTE.pdf)>.
- Pregardier, A. P. M. (2015). *Educação Financeira - jogos para sala de aula: uma abordagem lúdico-vivencial de formação de hábitos.* Porto Alegre: AGE.
- Ramalho, W. (2006). *Modelos de atitude em mercados de produtos novos entrantes: análise com medicamentos genéricos, contribuições teóricas e validação nomológica.* Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil). Recuperado de: http://www.biblioteca.digital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EMLE-6W7HNY/wanderley_ramalho.pdf?sequence=1.
- Rocha, L. (2015). *Como sair das dívidas rapidamente em 10 passos simples.* Recuperado de: <<http://queroinvestiragora.com/como-sair-das-divididas/>>.
- Santos, E. O. (1984). *Administração financeira da pequena e média empresa: manual do investidor do Instituto de Estudos Financeiros (IEF).* São Paulo: Atlas.
- Seabra, R. (2010). *A importância da educação financeira.* Recuperado de: <http://queroficarrico.com/blog/2010/05/03/a-importancia-da-educacao-financeira/>.
- Segundo Filho, J. (2003). *Finanças pessoais: invista no seu futuro.* Rio de Janeiro: Qualitymark.
- Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). (2018). Recuperado de: <https://oglobo.globo.com/economia/pesquisa-do-spc-aponta-que-45-das-dividas-dos-jovens-brasileiros-sao-de-bancos-22426675> Acesso em: 30/04/2018
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2013). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Anais do IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.* Brasília, DF, Brasil.
- Simon, Herbert Alexander.(1965). Comportamento administrativo Rio de Janeiro: USAID.

- Sousa, A. F., & Torralvo, C. F. (2012). *Aprenda a administrar o próprio dinheiro*. São Paulo: Saraiva.
- Sousa, A .F., & Torralvo, C .F (2008). *Aprenda a administrar o próprio dinheiro*. São Paulo: Saraiva (160 p.).
- Spector, P. E. (1992). *Summated rating scale construction: an introduction*. Los Angeles: Sage (Age Series: Quantitative Applications in Social Sciences. v. 82).
- Vergara, S. C. (1998). *Projetos e relatórios de pesquisa em Administração*. (2. ed.). São Paulo: Atlas.
- Vergara, S. C. (2004). *Projetos e relatórios de pesquisa em Administração*. (3. ed.). São Paulo: Atlas.
- Vida e Dinheiro. ENEF - *Estratégia Nacional de Educação Financeira*. Recuperado de: [<http://www.vidaedinheiro.gov.br/index.php>](http://www.vidaedinheiro.gov.br/index.php).
- Vieira, E. P. (2011). *Métodos de custeio: análise de custo, volume e resultado*. Apostila Contabilidade Custos II. Ijuí: Unijui.
- Uchoa, M. E. (2004). *Melanie Klein, estilo e pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- UOL Notícias. (2014). *Saiba como montar uma planilha de gastos mensais personalizada*. Recuperado de: <http://tecnologia.uol.com.br/album/planilha_de_gastos_excel_album.htm#fotoN> av=3>.
- Winnicott, D.W. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.
- Zadnowcz, J. E. (2000). *Planejamento financeiro e orçamento*. (3. ed.). Porto Alegre: Sagra Luzzatto.

Apêndice

Nível de Educação Financeira alcançado do pelos alunos do Curso de Graduação em Administração e Ciências Contábeis: um estudo de caso

Prezado(a) aluno(a),

Estamos realizando uma pesquisa sobre a percepção dos alunos do curso de graduação em Administração e Ciências Contábeis sobre educação financeira. Este trabalho é destinado a fins acadêmicos e as informações são estritamente sigilosas e de forma alguma serão divulgadas além de suas delimitações pedagógicas. Trata-se da elaboração da minha dissertação de mestrado em Administração da Fundação Pedro Leopoldo, orientada pelo Prof. Dr. Wanderley Ramalho - FACE/IPEAD/UFMG.

Jacyara Aline Moreira Santos - Contadora e Professora do Ensino Superior

Curso:

Graduação em Administração Graduação em Ciências Contábeis

Período:

1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º

Compromete sua renda totalmente no período de 30 dias.

- O Discordo totalmente
- O Discordo parcialmente
- O Não concordo nem discordo
- O Concordo parcialmente
- O Concordo totalmente

Apresenta distúrbios financeiros por influência de terceiros com consumo exagerado.

- O Discordo totalmente
- O Discordo parcialmente
- O Não concordo nem discordo
- O Concordo parcialmente
- O Concordo totalmente

Houve situação em que a análise de indicadores financeiros colaborou para uma boa administração de suas finanças.

- O Discordo totalmente
- O Discordo parcialmente
- O Não concordo nem discordo
- O Concordo parcialmente
- O Concordo totalmente

Conhece vários tipos de investimento.

- O Discordo totalmente
- O Discordo parcialmente
- O Não concordo nem discordo
- O Concordo parcialmente
- O Concordo totalmente

Analisou a variação salarial vigente no país nos três últimos anos, afim de alcançar uma reserva financeira.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

É importante ter conhecimentos e controle das suas finanças pessoais.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Conhece sobre indicadores que possam equilibrar suas finanças pessoais.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Em relação à educação financeira, seu curso colabora para seu conhecimento em finanças pessoais.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Produzir relatórios de gastos permite dimensionar os custos e o aporte dos recursos financeiros que você tem.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Faz projeção dos seus gastos para cumpri-los

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

É necessário ter uma disciplina específica sobre finanças e controle pessoal no seu curso.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Tem se preparado para sua aposentadoria.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Não concordo nem discordo
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Costuma planejar seu orçamento financeiro, incluindo plano de saúde.

- O Discordo totalmente
- O Discordo parcialmente
- O Não concordo nem discordo
- O Concordo parcialmente
- O Concordo totalmente

Deixe registradas informações adicionais, caso queira